George Huber

O DIABO, HOJE

Editora QUADRANTE, São Paulo, 1999

Apresentação …….
A Conspiração do silêncio ……. 1
Protagonistas na história …… 8
O Príncipe deste mundo ……...…. 15
Um instrumento nas mãos de Deus ……..… 19
Os ataques de Satanás ……..……. 25
As presas preferidas ……..…… 28
Sob ás aparências de anjo de luz …….…… 32
O mecanismo da tentação …… 37
Como um cão preso por uma corrente ……. 44
Cristo vencedor da Satanás …….. 48
As vitórias dos santos e os seus frutos ……..……. 57

A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO

«Como se pode chegar a esta situação?» É esta a pergunta que fazia o Papa Paulo VI, alguns anos depois de se ter encerrado o Concílio Vaticano II, à vista dos acontecimentos que sacudiam a Igreja: *"Pensava-se que, depois do Concílio, o sol brilharia sobre a história da Igreja; mas, em vez do sol, apareceram as nuvens, a tempestade, as trevas, a incerteza».*

«Como se pode chegar a esta situação?»

A resposta de Paulo VI, é clara e nítida: *"Interveio uma potência hostil. Seu nome é o demónio, esse ser misterioso de que nos fala São Pedro, na sua Primeira Epístola. Quantas vezes não se refere Cristo, no Evangelho, a este inimigo dos homens?* O papa precisa: *"Não cremos que um ser preternatural veio precisamente para perturbar a paz, para afogar os frutos do Concílio e para impedir a Igreja de cantar a sua alegria por ter tomado consciência de si própria".* Para dizê-lo brevemente, o Papa tinha a sensação de que *"o fumo de Satanás entrou de alguma fenda no templo de Deus".*

Alguns jornais mostraram-se surpreendidos com essa declaração em 9 de Junho de 1972. Outros mostraram-se escandalizados. Não estaria Paulo VI exumando crenças medievais que se julgavam esquecidas para sempre?

Na sua exposição, o Santo Padre (Paulo VI) tirou uma conclusão prática que, para além dos milhares dos fiéis presentes na vasta sala de audiências, se dirigia aos católicos do mundo inteiro: *"A propósito do demônio e da sua influência sobre os indivíduos, sobre as comunidades, sobre sociedades inteiras, faz-se necessário retomar um capítulo muito importante da doutrina católica ao qual hoje se presta pouca atenção"*.

UMA DAS GRANDES NECESSIDADES ATUAIS DA IGREJA

Sem recuar perante essas críticas, o Papa voltou a tratar do mesmo assunto cinco meses mais tarde. Não só reafirmou a verdade sobre esse ponto, consagrou uma alocução inteira à presença ativa de Satanás na Igreja.[1]. Ele perguntava-se: *"Quais são hoje as necessidades mais importantes da igreja?"* A resposta foi clara: *"Uma das maiores necessidades da Igreja é a de se defender desse mal que designamos por demónio"*. A seguir recordou a doutrina da Igreja sobre a presença do mal no mundo de *"um ser vivente, espiritual, pervertido e perversos, realidade terrível e temível"*.

> Depois, referindo-se a algumas publicações recentes que negavam a existência do demónio, afirmou: *"separam-se do ensinamento da igreja aqueles que se negam a reconhecer a existência do diabo ou aqueles que o consideram um princípio autónomo que não tem, como todas as criaturas, a sua origem em Deus; e também aqueles que o explicam como uma pseudorrealidade, uma invenção do espírito para personificar as causas desconhecidas dos nossos males ... nós sabemos que este ser obscuro e perturbador existe verdadeiramente e atua sem descanso com astúcia traidora. É o inimigo oculto que semeia o erro e a desgraça na história da humanidade. É o sedutor pérfido e obstinado que sabe insinuar-se em nós, através dos sentidos, da imaginação, da concupiscência, da lógica utópica, das relações sociais desordenadas, para introduzir nos nossos atos desvios muito nocivos que, no entanto, parecem corresponder às nossas estruturas físicas ou psíquicas ou às nossas aspirações profundas"*.

"Satanás sabe insinuar-se ... para introduzir" é uma expressão que nos lembra a advertência de São pedro: *"Sede sóbrios e vigiai, pois o vosso adversário, o diabo, como um leão a rugir, anda a rondar-vos,*

---

[1] Cf. Paulo VI, *Audiência geral de 15 de novembro de 1972*

procurando a quem devorar, sesisti-lhe, firmes na fé" (1Pe 5,8). Para se apresentar, o diabo não fica à espera de que o convidem, antes, impõe a sua presença com uma abilidade quase infinita.

O Papa evocou também o papel de Satanás na vida de Cristo. Ao longo do seu ministério, Jesus qualificou três vezes o diabo como *príncipe desde mundo* (Jo 12, 31; 14, 30; 16, 11), tão grande é o seu poder sobre os homens.

LACUNAS NA TEOLOGIA E NA CATEQUESE

O Papa Paulo VI tirou uma conclusão prática: *"A propósito do demónio e da sua influência sobre os indivíduos, sobre as comunidades, sobre sociedades inteiras, faz-se necessário retomar um capítulo muito importante da doutrina católica ao qual hoje se presta pouca atenção"*. O Papa afirma que a demonologia é um capítulo "muito importante" da teologia católica, hoje excessivamente esquecido. Existe uma lacuna no ensino da teologia, na catequese e na pregação. E essa lacuna tem que ser preenchida. Estamos perante "uma das maiores necessidades" da Igreja no momento presente.

Quem o teria previsto? A catequese de Paulo VI sobre a existência e influência do demónio originou um inesperado sentimento de revolta na imprensa. Mais uma vez, acusou-se a Cabeça da Igreja de retornar a crenças já ultrapassadas pela ciência. Se o diabo estava morto e enterrado! Raramente os jornais se haviam levantado com uma veemência tão ácida contra o Soberano Pontífice. Como explicar a violência dessas reações?

Que haja jornais hostis à fé cristã que ironizassem sobre o ensinamento do Papa, não deveria suscitar estranheza: tratava-se de algo coerente com as suas posições. Mas que ao mesmo tempo se deixassem levar pela cólera, isso é surpreendente... Como não pressentir por debaixo dessas reações a cólera do Maligno?

Com efeito, Satanás precisa do anonimato para poder agir de maneira eficaz. Qual não terá sido, pois, a sua irritação quando viu o Papa denunciar Urbi et orbe as suas artimanhas na Igreja? Era a cólera do inimigo que se sentia desmascarado e que exalava o seu despeito por meio desses sequazes inconscientes.

O INIMIGO DESMASCARADO

Faz-se necessário retomar o capítulo da demonologia: este lema de Paulo VI teve uma espécie de precedente na história do Papado contemporâneo.

Era um dia de dezembro de 1884 ou de janeiro de 1885, no Vaticano, na capela privada de Leão XIII.[2] Depois de ter celebrado a missa, o Papa, como de costume, assistiu a uma segunda missa. Lá pelo fim, viram-no levantar a cabeça de repente e olhar fixamente para o altar, acima do tabernáculo. O seu rosto empalideceu e as suas feições tornaram-se tensas. Finda a missa, levantou-se e, ainda sob os efeitos de uma intensa emoção, dirigiu-se para o seu quarto de trabalho. Um dos prelados que o rodeavam perguntou-lhe:

— Santo Padre, sente-se cansado? Precisa de alguma coisa?

— Não — respondeu Leão XIII —, não preciso de nada...

O Papa encerrou-se no seu escritório. Meia hora mais tarde, mandou chamar o Secretário da Congregação de Ritos. Estendeu-lhe um papel com um texto manuscrito e pediu-lhe que o mandasse imprimir e o enviasse aos bispos de todo o mundo.

Qual era o conteúdo desse papel? Uma oração ao Arcanjo São Miguel, composta pelo próprio Papa. Uma oração que os sacerdotes recitariam depois de cada missa rezada, ao pé do altar, após a Salve-Rainha já prescrita por Pio IX:

> *São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede o nosso amparo contra a maldade e as ciladas do demônio. Instante e humildemente vos pedimos que Deus impere sobre ele. E vós, Príncipe da milícia celeste, com esse poder divino, precipitai no inferno Satanás e os outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perdição das almas.*

Leão XIII confidenciou mais tarde a um dos seus secretários, mons. Rinaldo Angeli, que durante a missa tinha visto uma nuvem de demónios que se lançavam contra a Cidade Eterna para atacá-la. Daí a sua decisão de mobilizar São Miguel Arcanjo e as milícias celestes para que defendessem a Igreja contra Satanás e os seus exércitos, e, de modo particular, para que se resolvesse o que então se chamava "a questão romana".

A oração a São Miguel foi suprimida na última reforma litúrgica. Há quem pense que, sendo tão apropriada para conservar entre os fiéis e os sacerdotes a fé na presença ativa dos anjos bons e dos anjos maus, essa oração mereceria ser reintroduzida, ou na liturgia das horas ou na oração dos fiéis na Santa Missa. Como afirmava João Paulo II em 24 de maio de 1987, no santuário de São Miguel Arcanjo no monte Gargano, *"o demônio continua vivo e ativo no mundo"*. As hostilidades não cessaram, os exércitos de Satanás não se desmobilizaram. Portanto, esta oração continua a ser necessária.

---

[2] Cf. C. Balducci, *Il diavolo existe e lo si può riconoscere*, 1988, pp. 276-278

Em 20 de abril de 1884, pouco tempo antes dessa visão do mundo diabólico, Leão XIII tinha publicado uma Encíclica sobre a franco-maçonaria que se iniciava com considerações de envergadura cósmica: "Desde que, pela inveja do demônio, o gênero humano se separou miseravelmente de Deus, a quem devia a sua chamada à existência e os dons sobrenaturais, os homens dividiram-se em dois campos opostos que não cessam de combater: um pela verdade e pela virtude, o outro por aquilo que é contrário à virtude e à verdade".

Quando se medita nestas considerações de Leão XIII, compreende-se melhor o lema dado por Paulo VI a que já nos referimos, como também se compreende que João Paulo II se tenha feito eco dele, indo até mais longe do que o seu predecessor. Ao passo que este não dedicou senão uma catequese das quartas-feiras ao problema do demônio, João Paulo II tratou do tema ao longo de seis audiências gerais sucessivas. E é preciso acrescentar a essas alocuções uma peregrinação ao Santuário de São Miguel Arcanjo no monte Gargano, a 24 de maio de 1987, e um discurso sobre o demônio pronunciado em 4 de setembro de 1988, por ocasião de uma viagem a Turim.

AS INSTITUIÇÕES, INSTRUMENTO DE SATANÁS

Haveria ainda outras ocasiões em que João Paulo II poria de sobreaviso os fiéis contra as insídias do demônio, como por exemplo no seu encontro com trinta mil jovens na Ilha da Madeira (maio de 1991), em que citou uma passagem significativa da sua mensagem de 1985 para o Ano Internacional da Juventude:

> *"A tática que Satanás empregou e que continua a empregar consiste em não se revelar, para que o mal que difundiu desde as origens se desenvolva por ação do próprio homem, por meio dos sistemas e das relações entre os homens, entre as, classes e entre as nações, para que o mal se transforme cada vez mais num pecado «estrutural» e cada vez menos se possa identificá-lo como pecado «pessoal»".*

Satanás atua, mas atua sobretudo na sombra, para passar despercebido. Atua através dos homens, e também através das instituições. Qual não terá sido, por exemplo, o seu papel na preparação remota e próxima das leis que autorizam o aborto e a eutanásia?

Num estudo de grande atualidade, Alois Mager, antigo diretor da Faculdade de Teologia de Salzburgo, afirma que o mundo satânico se caracteriza por dois elementos: a mentira e o assassinato. "A mentira aniquila a vida espiritual; o assassinato, a vida corporal [...]. Aniquilar sempre, esta é a tática das forças satânicas".[3] Ora, Deus é Aquele que é

---

[3] Alois Mager, *em Satan, Études carmelitaine, Desclée, 1948, pp. 640-343*

— a suprema Verdade —, como é Aquele que dá sem cessar a vida, o movimento e a existência (cfr. At 17, 28), que ninguém tem o direito de aniquilar.

A crescente insistência de dois Papas contemporâneos sobre Satanás e as suas maquinações não é altamente significativa? Não nos convida a aprofundar no exame do seu papel na História, na história grande dos povos e da Igreja, e na história pequena de cada homem em particular?

Neste pequeno livro, a minha única preocupação foi convidar os leitores a fazer esse exame mais atento. Como jornalista radicado em Roma há vários decênios, eu tinha escrito em 1970 um livro sobre os Anjos da Guarda que foi publicado em onze idiomas. Num dos seus capítulos, salientava "as ciladas e emboscadas" que os anjos maus armam aos homens na sua caminhada para o destino eterno que os aguarda. Um sacerdote santo, que me tinha felicitado por esse estudo sobre os anjos bons, sugeriu-me que publicasse um ensaio análogo sobre os anjos maus. A proposta surpreendeu-me. Como poderia dedicar tempo e energias a um tema tão colateral e desprovido de interesse prático?

A catequese de Paulo VI de 15 de novembro de 1972 e o seu convite para que se recordasse a doutrina da Igreja sobre os anjos maus impressionaram-me profundamente. Tratava-se, apesar de tudo, de um tema importante para a vida cristã. Mais tarde, as catequeses de João Paulo II fizeram amadurecer em mim o projeto de publicar um trabalho sobre este tema repulsivo... Seria, pareceu-me, um modo de atender pessoalmente ao convite de Paulo VI.

TERRENO MINADO

Sei muito bem que, escrevendo estas páginas, me aventuro por terreno minado, repleto de mistério. Primeiro, pela matéria de que trato. Depois, pelo ceticismo que existe sobre o tema.

São poucos os cristãos que parecem acreditar verdadeiramente na existência pessoal dos demónios. Muitos parecem até rejeitar esta verdade, não por duvidarem dela, mas porque — dizem-nos — "hoje em dia ninguém a admitiria". Como se o homem da era atómica pudesse submeter a censura os dados da Revelação divina! Como se esta se assemelhasse ao cardápio de um restaurante, onde cada cliente escolhe ou rejeita os pratos de acordo com as suas preferências!

Outros cristãos, igualmente irreverentes para com a Revelação, partilhariam com gosto da posição de um velho senhor que, no fim de uma agitada mesa-redonda sobre a existência do diabo, sugeria que a questão fosse decidida... por plebiscito: "A maioria decidirá se os demónios existem ou não". Como se a verdade dependesse do número de votos e não da sua consistência! O que afirmam cem charlatães

deverá ter mais peso que a opinião meditada de um sábio ou de um santo?

> Alguns anos antes da intervenção de Paulo VI, o cardeal Gabriel-Marie Garrone denunciava esse grave equívoco de considerar como verdade o que possa pensar ou sentir a generalidade das pessoas. Depois de se referir à *"conspiração do silêncio"* que reina em torno da demonologia, dizia: "*... e quando se quebra este silêncio, é por parte de pessoas que se gabam de entendidos ou que põem em dúvida, com uma temeridade surpreendente, a própria existência do diabo. Ora, a Igreja tem sobre este ponto uma certeza que não se pode rejeitar sem temeridade e que se baseia num ensinamento constante cuja fonte remonta ao Evangelho e mais longe ainda. A existência, a natureza e a ação do demónio constituem um terreno profundamente misterioso em que a única atitude sábia consiste em aceitar as afirmações da fé, sem pretender saber mais do que aquilo que a Revelação achou por bem dizer"*.[4]
>
> E o cardeal concluía: *"Negar a existência e a ação do Maligno equivale a oferecer-lhe um começo de poder sobre nós. Nisto como em tudo o mais, é melhor pensar humildemente com a Igreja e não se colocar, por uma presunçosa superioridade, fora da influência benfazeja da sua verdade e da sua ajuda"*.[5]

"É UMA BOA OBRA ARMÁ-LOS"

Uma dezena de anos mais tarde, uma vigorosa confissão de fé do bispo de Estrasburgo, D. León Arthur El-chinger, fazia-se eco das considerações do cardeal Garrone. Punha, por assim dizer, os pingos nos "is", desafiando assim certa *inteligência*: crer em Lúcifer, no Maligno, em Satanás, o príncipe dos demónios, na sua ação no mundo, significa passar aos olhos de muitos por ingénuo, simplório, supersticioso. Pois bem, eu creio.

"Creio na sua existência, na sua influência, na sua inteligência subtil, na sua capacidade suprema de enganar, na sua habilidade para introduzir-se por toda a parte, na sua capacidade consumada de levar-nos a pensar que não existe. Sim, creio na sua presença entre nós, no seu êxito, mesmo dentro de grupos que se reúnem para lutar contra a autodestruição da sociedade e da Igreja. Ele consegue que os cristãos se ocupem em atividades completamente secundárias e até infantis, em lamentações inúteis, em discussões estéreis, e durante esse tempo pode continuar o seu jogo sem receio de ser incomodado".

---

[4] Gabriel Marie Garrone, Que faut croire, Desclée, Paris, 1967, pag. 161
[5] Ibidem, pp. 61.69

E o prelado expunha as razões de ordem sobrenatural e de ordem natural que o levavam a essa crença:

> *"Sim, creio em Lúcifer, e isto não é uma prova de estreiteza de espírito ou de pessimismo. Creio porque os livros inspirados do Antigo e do Novo Testamento falam do combate que o demónio trava contra aqueles a quem Deus prometeu a herança do seu reino. Creio porque, com um pouco de imparcialidade e um olhar que não se feche à luz do Alto, se vislumbra e se comprova como este combate continua sob os nossos olhos. Não se trata, certamente, de materializar Lúcifer, de ficar nas representações de uma falsa piedade popular, mas não há dúvida de que o Príncipe do mal actua: actua no espírito e no coração do homem. Creio em Lúcifer porque creio em Jesus Cristo, que nos põe de sobreaviso contra ele e nos pede que o combatamos com todas as nossas forças, se não queremos ser enganados sobre o sentido da vida e do amor".*[6]

A quem se dirige esta obra?

Antes de mais nada, à generalidade dos cristãos e, em particular, aos cristãos fiéis à Igreja e dóceis à sua doutrina. Meu desejo é ajudá-los a aprofundar nos seus conhecimentos relativos aos anjos rebeldes.

Iremos utilizar a Sagrada Escritura e da Tradição da Igreja e do Magistério dos Papas. Especialmente a doutrina de São Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, cuja angiologia é elogiada por uma Encíclica de Pio XI, Studiorum duce, de 1923. Na sua escola, sinto-me em companhia segura. *"Os homens desconhecem por completo a malícia do demónio* - afirmava Ernest Hello*, eminente pensador católico do século passado -; é uma boa obra fazer que a conheçam; é uma boa obra armá-los".*

PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA...

Numa das suas análises mais penetrantes, o Concílio Vaticano II dedica-se a desentranhar as causas do ateísmo contemporâneo, e, entre elas, assinala a existência de uma falsa imagem de Deus: *"Alguns representam a Deus em tais termos que, ao rejeitá-lo, rejeitam um Deus que de maneira nenhuma é o do Evangelho"* (Gaudium et spes, 19). Poderia dizer-se, analogicamente, que alguns representam o diabo de tal modo que, ao rejeitá-lo, rejeitam um diabo que não é de maneira nenhuma o da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja.

Como observa o historiador Henri-Irenée Marrou, contribuiu muito para esta atitude um certo tipo de iconografia: *"A partir da*

[6] León Arthur Elchinger, *Le retour de Ponce Pilate*, Fayard, 1975, pp. 216-218

arte românica, acostumamo-nos a ver representar os demônios como monstros horríveis. Esta tradição iconográfica que, plasticamente, terá o seu apogeu nas criações de inspiração quase surrealista dos pintores flamengos, pode invocar a seu favor a autoridade de textos que remontam à tradição mais autêntica dos Padres do deserto, a partir da primeira fonte de toda a sua literatura: a Vida de Santo Antão".

O grande historiador continua: "Todos os escritos do mesmo tipo estão cheios de relatos que nos descrevem os demônios com o especto de monstros e animais selvagens. Mas é preciso ressaltar que, em todos esses textos, se trata sempre de aparências que os demônios assumem momentaneamente para atemorizar os eremitas. Portanto, essas representações só são legítimas na arte cristã enquanto retratam a ocasião em que ocorrem essas tentações, não quando se trata de representar o demônio independentemente desse fugaz papel de espantalho".

Como sublinha o próprio Marrou, Satanás é um anjo caído, mas um anjo, quer dizer, uma esplêndida criatura saída das mãos de Deus.

"A existência dos seres espirituais, não-corporais, que a Sagrada Escritura chama habitualmente anjos, é uma verdade de fé. O testemunho da Escritura a respeito é tão claro quanto a unanimidade da Tradição", diz-nos o Catecismo da Igreja Católica (n. 328). E a seguir complementa: *"Enquanto criaturas puramente espirituais, são dotados de inteligência e vontade: são criaturas pessoais e imortais. Superam em perfeição todas as criaturas visíveis"* (n. 330).

Poderemos fazer uma ideia do que significa a natureza angélica se tivermos em conta estas verdades centrais enunciadas pelo Catecismo e algumas outras que delas decorrem.

Em primeiro lugar, que os anjos são espíritos puros, pessoais - ou seja, capazes de dizer "eu", de maneira análoga a como nós o fazemos -; não são uma espécie de "energias" ou "forças" cegas e impessoais, antes são conscientes, inteligentes e livres.

Em segundo lugar, não sofrem das limitações que a matéria nos impõe. Conhecem por um ato único da inteligência, chamado intuição, que apreende uma verdade completa no seu conjunto, ao passo que nós só somos capazes de conhecer através dos sentidos, e por isso só apreendemos a verdade pouco a pouco e com dificuldade, de maneira discursiva, isto é, gradual e sucessiva.

Também a sua liberdade é muito mais perfeita do que a nossa. Pela deficiência do intelecto que deve orientar a vontade na tomada de decisões e pela influência maior ou menor dos instintos animais, o

nosso querer sempre é bastante hesitante e mutável, está sujeito a voltar atrás nas suas decisões e não adere com constância às resoluções que já tomou. O anjo, pelo contrário, como tem "visão de jogo" perfeita já desde o primeiro momento e está isento de paixões emotivas, não tem por que voltar atrás nas decisões que tomou e adere a elas com uma firmeza e uma perseverança inimagináveis para nós. Daí que o anjo ou é integralmente bom e santo, sem nenhum resquício de mal, se no uso da sua total liberdade tiver decidido amar a Deus mais do que a si mesmo; ou é integralmente corrupto e mau, é "cem por cento" ódio, se tiver optado pelo orgulho e pelo egoísmo.

Por fim, também não estão sujeitos às limitações de tempo e espaço, à dependência de água e alimentos, à fadiga, à dor e à doença que nos sobrevêm por causa do corpo.

Por outro lado, são apenas criaturas de Deus, e o seu poder, embora muito maior que o nosso, dista infinitamente do poder divino. Não são, nem de longe, onipotentes; não são capazes de criar a partir do nada; não estão presentes em toda a parte e não têm a onisciência divina. Estão sempre sujeitos em tudo ao querer divino e nunca podem agir sem permissão expressa do Senhor. Sobre todo este assunto, veja-se o Catecismo da Igreja Católica, 328-336.

Há uma distância enorme entre um urso, um lobo, um cabrito montês, uma serpente - sob cujas aparências se representa às vezes o demônio - e um anjo, isto é, a mais perfeita das obras saídas das mãos do Criador.

São Tomás de Aquino, tão comedido nas suas expressões, sublinha que, mesmo depois da queda, Satanás conserva integralmente os dons naturais verdadeiramente esplêndidos que recebeu do Criador*.

O demônio continua a ser uma maravilha de inteligência e de vontade, ainda que sempre use muito mal dos seus dons naturais, incomparavelmente superiores aos do homem. Um atleta gigante continua a ser um atleta gigante, ainda que use a sua força e a sua agilidade só para cometer crimes.

É uma verdade de fé que uma parte dos anjos, logo após a sua criação, se revoltou contra Deus e se precipitou no inferno. Sabemos, com efeito, que Deus lhes ofereceu a mesma possibilidade que também oferece a cada homem: a de participar da sabedoria e do amor infinitos do próprio Deus por meio de um ato de amor e de submissão à vontade divina.

Alguns teólogos pensam que Deus lhes teria mostrado Jesus Cristo, Verbo de Deus encarnado, humilhado sob a forma de uma criança no estábulo de Belém e de um criminoso condenado na cruz, e que os teria convidado a adorá-lo e servi-lo. Conscientes da sua própria grandeza,

beleza e dignidade, alguns deles - encabeçados por Lúcifer, o "Portador da luz", precisamente um dos mais belos e poderosos - ter-se-iam recusado a fazê-lo e exclamado non serviam, "não servirei" (cf. Jer 2, 20), e com esse ato afastaram-se para sempre da presença de Deus.

> O que sabemos com toda a certeza é que o pecado desses anjos rebeldes ou demônios foi precisamente o pecado de orgulho, o de preferirem a sua própria vontade à de Deus; e precisamente por causa da perfeição da sua inteligência e vontade, estão fixados para sempre nesse estado de ódio impotente contra o Criador, verdadeira morte eterna, a que damos o nome de Inferno.
>
> Como Lúcifer e os seus seguidores não podiam ferir diretamente a Deus ou sequer competir com Ele, voltaram a sua raiva e inveja cegas contra a sua criatura. E assim Satanás, tendo conseguido que o homem, vértice da criação material, o acompanhasse no seu pecado de soberba e desobediência a Deus, ganhou um forte ascendente sobre ele e tomou-se príncipe deste mundo, posição da qual só viria a ser desalojado por Cristo, Rei da nova criação que é o Reino de Deus.
>
> O homem em estado de pecado, que recusa a graça, continua a ser em sentido nem um pouco metafórico escravo de Satanás. Em contrapartida, o cristão, libertado desse jugo por Cristo e trazendo na alma a graça de Deus, via de regra sofre apenas uma influência externa do demônio por meio da tentação, que se explicará em detalhe mais adiante.

A PROVIDÊNCIA SERVE-SE DA MALÍCIA DOS DEMÔNIOS

A grandeza natural dos anjos caídos está também presente no papel que Deus lhes atribui na história da salvação. Não é um papel de figurantes, como se poderia pensar, mas de protagonistas. São Tomás de Aquino explica-o nestes termos:

"Pela sua natureza, os anjos estão entre Deus e os homens. Ora bem, o plano da Providência consiste em promover o bem das criaturas inferiores por meio dos seres superiores, e esse plano é levado a cabo de duas maneiras: ou diretamente, induzindo o homem ao bem e afastando-o do mal, e convém que isto se faça pelo ministério dos anjos bons; ou indiretamente, quando o homem é provado e combatido pelos assaltos do adversário - e convém que se confie este modo de promover o bem aos anjos maus, para que depois do pecado não percam a sua utilidade na ordem da natureza'".

Assim, acrescenta São Tomás, atribui-se aos demônios um duplo "lugar" de castigo: um - pela falta que cometeram - é o inferno; o outro - pelas provas a que submetem os homens – é o "ar tenebroso", quer

dizer, a "atmosfera" terrestre de que fala a Sagrada Escritura (cfr. Ef 2, 2; 6, 12; e 1 Pe 5, 8).

Estamos diante de uma linguagem certamente misteriosa para o homem moderno! O cardeal Charles Journet procura explicar assim os "lugares" habitados pelos demônios:

"As duas sedes do demônio consistem, por um lado, no inferno, e, por outro, no ar, na estratosfera, nos lugares celestes. A primeira sede é a do seu infortúnio; a segunda, a das suas ameaças. Falar da presença do demônio no ar, na estratosfera, nos lugares celestes, é servir-se de uma imagem para dizer que, além da sua presença no inferno, onde está aprisionado, o demônio também está presente nos lugares em que vivemos, para nos tentar'".

Depois de terem pecado, Deus teria podido precipitar todos os anjos rebeldes nas profundezas do inferno, mas é próprio do sábio utilizar os males para fins superiores, como observa São Tomás. Enquanto o Senhor precipita no inferno uma parte dos anjos maus, encerra a outra parte na "atmosfera terrestre" para tentar os homens. Deus servir-se-á da malícia desses anjos maus, perfeitamente controlada, para pôr à prova os homens e para desse modo lhes dar ocasião de purificar-se e de elevar-se espiritualmente.

Assim, os anjos rebeldes convertem-se, contra a sua vontade, em servidores do Senhor ou, antes, em seus escravos. Do mesmo modo como os presos de antigamente eram condenados a remar nas galés do Estado, assim os demônios estão condenados a trabalhar, contra a sua vontade, pela salvação das almas e pela glória de Deus.

No que se refere à duração do ministério dos anjos bons e das provas infligidas aos homens pelos maus, São Tomás escreve:

> *"Até o dia do Juízo final é preciso procurar a salvação dos homens. Até esse dia, portanto, devem prosseguir tanto o ministério dos anjos bons como as tentações infligidas pelos demônios. Durante todo este tempo, os anjos bons são enviados à terra, para estarem junto de nós, ao passo que os demônios residem no «ar tenebroso>', para nos provarem. No entanto, alguns deles já se encontram no inferno para torturar os que se deixaram induzir ao mal; e de igual modo, alguns anjos bons estão no céu com as almas santas. Mas depois do último Juízo, todos os maus, homens e anjos, estarão no inferno; e todos os bons, no céu"*

É uma visão cósmica da história da salvação: de um lado, encontram-se milhões de anjos fiéis a Deus, que velam guardando os homens a caminho do seu destino eterno; do outro, legiões de anjos rebeldes, que se esforçam por perder esses mesmos homens.

"O mundo muda de aspeto - escrevia Renê Bazin - quando se

consideram os homens fundamentalmente como almas a caminho do seu destino eterno". Do mesmo modo, poderia dizer-se que a história da humanidade muda de aspeto quando a consideramos como campo de batalha entre dois exércitos de anjos que disputam entre si o espírito e o coração dos homens. Seria necessário considerarmos este espetáculo com "os olhos de Deus", isto é, com um olhar de fé viva, para medirmos um pouco as suas dimensões apocalípticas. "Sobre o cenário do mundo - escreve um autor espiritual -' a vida das almas pode apresentar-se como que revestida de banalidade. Na realidade, porém, essa vida está dominada por uma invisível e grandiosa disputa entre Deus e o demônio".

MARIA EM OPOSIÇÃO À SERPENTE

O Concílio Vaticano II recorda estas verdades profundas da Revelação cristã. "Através de toda a história dos homens, tem lugar um duro combate contra as potências das trevas. Começada no início, durará até o último dia, como disse o Senhor (cfr. Mt 24, 13; 13, 24-30 e 36, 43). Ocupado nesta batalha, o homem deve combater sem pausas para alcançar o bem. E somente por meio de grandes esforços, com a graça de Deus, consegue alcançar a sua unidade interior pela união com Deus"[12].

> *"Os demônios, nossos inimigos, são fortes e temíveis, possuem um ardor invencível e estão animados de um ódio furioso e inimaginável contra nós - diz o velho Catecismo Romano -. De igual modo, guerreiam-nos sem descanso, sem paz e sem trégua possível. A sua audácia é inacreditável..."*[13]

Maria, Mãe da Igreja, desempenha um papel decisivo neste "duro combate" contra os anjos das trevas. Assim o revela João Paulo II na sua Encíclica sobre a Bem--aventurada Virgem Maria na Igreja em marcha, que se inspira no Gênesis e no Apocalipse. "Mercê do vínculo especial que une a Mãe de Cristo à Igreja - escreve o Papa -, esclarece-se melhor o mistério daquela «mulher» que, desde os primeiros capítulos do Livro do Gênesis até o Apocalipse, acompanha a revelação do desígnio salvífico de Deus a respeito da humanidade. Com efeito, Maria, que está presente na Igreja como Mãe do Redentor, participa maternalmente do «duro combate contra as po-tências das trevas» (cfr. Gaudium et spes, 37) que se trava ao longo de toda a história humana"[14]

AS DUAS CIDADES

Vimos como Leão XIII nos recordava que *"pela inveja do demônio, o gênero humano se dividiu em dois campos opostos, que não cessam de combater: um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo aquilo que é contrário a esses valores"*. E ainda: *"O primeiro é o reino de Deus sobre a terra, isto é, a Igreja de Cristo, cujos membros devem servir a Deus. O segundo é o reino de Satanás. Sob o seu império e poder encontram-se todos aqueles que, seguindo os funestos exemplos do seu chefe e dos nossos primeiros pais, se recusam a obedecer à lei divina e multiplicam os seus esforços, quer para prescindir de Deus, quer para atuar diretamente contra Ele.*

"Com grande perspicácia, Santo Agostinho captou e descreveu esses dois reinos sob a forma de duas cidades opostas uma à outra [...], tanto pelas leis que as regem como pelo ideal que se propõem atingir. A cidade terrena procede do amor-próprio levado até ao desprezo de Deus, ao passo que a cidade celeste procede do amor de Deus levado até ao desprezo próprio, segundo a famosa máxima do bispo de Hipona (cfr. Santo Agostinho, A Cidade de Deus, 1, 14, cap. 17). *Com o transcorrer dos séculos, as duas cidades não cessaram de lutar uma contra a outra, empregando todo o tipo de táticas e as armas mais diversas, ainda que nem sempre com o mesmo ardor nem com o mesmo ímpeto"* [15].

É digna de ser destacada uma nota redigida pelo autor de um documento publicado em 1975, sob os auspícios da Congregação da Doutrina da Fé, sob o título de Fé cristã e demonologia: Santo Agostinho mostra o demônio em plena atividade nas duas cidades que têm a sua origem no céu, no momento em que as primeiras criaturas de Deus - os anjos - se declararam fiéis ou infiéis ao seu Senhor. Na sociedade dos pecadores, Santo Agostinho discerniu um "corpo místico" do diabo, tal como o exporia mais tarde São Gregório Magno nas Moralia in Job 16. Por ocasião do décimo quinto centenário da morte de Santo Agostinho, o Papa Pio XI recordou a atualidade dessa doutrina do santo Doutor sobre a luta violenta que se trava ao longo dos séculos entre a cidade de Deus e a cidade de Satanás [17].

Segundo o exegeta Georges Auvray, "para São João, a paixão de Jesus é uma luta contra o demônio, ao longo da qual este será vencido (cfr. Jo 12, 3; 14, 30); e toda a pregação dos Apóstolos será a continuação desta luta entre o reino de Deus e o do demônio (cfr. At 26, 18)"[18].

Aliás, também o Apocalipse apresenta a história da Igreja como uma luta entre Satanás e os seus demônios e Deus e os seus fiéis. Esta luta terminará com o triunfo do Cordeiro, Cristo, e daqueles que o tiverem seguido.

Por fim, ainda uma outra concordância significativa: também os escritos de Qumrã apresentam o mundo dividido em dois campos opostos: de um lado, o campo dos anjos da luz; do outro, o dos anjos das trevas.

Tudo isto nos dá uma visão da História que eleva os nossos olhares muito acima dos pequenos e grandes acontecimentos da vida política, econômica, social e cultural de cada dia, muito acima das mesquinhas querelas entre cristãos.

O PRÍNCIPE DESTE MUNDO

São muito frequentes - observa François Vandenbrouche[19] - os testemunhos patrísticos que apresentam toda a vida cristã como uma luta contra o demônio. Encontram-se referências ao tema desde São Jerônimo e Santo Agostinho até São Bernardo. "A ideia básica é a de que o homem, em consequência do pecado original, permanece de algum modo sob o império do demônio", enquanto não estiver plenamente unido a Cristo.

"Sob o império do demônio"... Jesus fala em muitas ocasiões do príncipe deste mundo (Jo 12, 31; 14, 30; 16, 11) como uma potência temível, certamente destinada ao fracasso, mas não sem ter conseguido vitórias parciais. Este "príncipe" é chamado também Satanás, chefe dos demônios, como o Arcanjo São Miguel é o chefe das legiões dos anjos fiéis.

DUAS DIVINDADES RIVAIS?

Que se deve entender exatamente por príncipe deste mundo? Esta expressão poderia prestar-se a equívocos. Pode parecer que apoia a tese segundo a qual teria havido na origem do mundo dois princípios fundamentais coeternos, iguais e antagônicos - o Bem e o Mal. Como sabemos, a Igreja condenou esta sedutora gnose dualista conhecida sob o nome de maniqueísmo.

Como resolver a aparente oposição entre a condenação do maniqueísmo, que coloca Satanás no mesmo nível de Deus, e as afirmações do Novo Testamento sobre o *príncipe deste mundo*?

Em primeiro lugar, é importante precisar o sentido da palavra mundo. Este termo não significa aqui nem o cosmos nem a humanidade, mas como esclarece um exegeta, Stanilas Lionet - "o conjunto dos homens que rejeitam a Deus"[20] e que têm por chefe espiritual Satanás. O

demônio é, portanto, o príncipe de todos os homens que se recusam a submeter-se a Deus.

São Tomás explica assim a expressão do Evangelho: "Chama-se ao diabo «príncipe deste mundo» não em virtude de uma dominação natural legítima, mas por causa da usurpação de poder, no sentido de que os homens carnais desprezaram a Deus para se submeterem ao demônio. Como escreve São Paulo aos Coríntios, o deus deste mundo obscureceu a inteligência aos incrédulos (2 Cor 4, 4). Ele é, portanto, o príncipe deste mundo na medida em que é o chefe dos homens carnais que, segundo Santo Agostinho, estão espalhados pelo mundo inteiro"[21]. A palavra príncipe deve ser tomada, pois, não em sentido próprio, como se se tratasse de uma autoridade mundial, mas em sentido figurado.

Num artigo da Suma teológica, São Tomás explica também por que o demônio, em virtude da sua influência, pode ser considerado como "a cabeça de todos os malvados".

> *"A cabeça (de um corpo) não exerce apenas uma influência interior sobre os membros; também os governa exteriormente, dirigindo a sua atividade para um fim. Pode-se, pois, dar a alguém o nome de cabeça ou chefe de uma multidão, quer nos dois sentidos de influência interior e de governo exterior, e é isso o que acontece com Cristo quando dizemos que Ele é a Cabeça da Igreja; quer apenas no sentido de governo exterior: neste último sentido, qualquer príncipe ou prelado é cabeça da multidão que lhe está submetida. Desta maneira, o diabo é geralmente cabeça de todos os malvados porque, como se diz em Já (41, 25), «ele é o rei de todos os orgulhosos»"*[22].

Um teólogo greco-ortodoxo contemporâneo, Panagiotis Treribelas, depois de sublinhar a necessidade de uma exposição clara sobre a onipotência de Deus e o poder relativo do mundo demoníaco, esclarece que mencionar a presença ativa de Satanás não é diminuir a onipotência de Deus: "Admitir o demônio não significa contestar a dominação absoluta e a onipresença de Deus [...], uma vez que Deus não poderia deixar de ter uma autoridade plena e absoluta sobre o Universo e sobre o próprio Satanás. Por outro lado, Deus limita a influência e a ação dos espíritos malignos, de modo que estejam ao serviço dos seus desígnios e planos eternos.

> *"A origem cristã desta doutrina estabelece uma barreira intransponível ao dualismo idólatra. Para os persas, esse dualismo significava a existência de dois principias distintos e pessoais em luta um contra o outro; para os gregos e os germanos, pelo contrário, insinuava o triunfo do bem num combate contra as trevas no meio do caos"*[23].

Deus, Rei dos séculos e Senhor da História, e Satanás, príncipe deste mundo: para quem se aproxime um pouco das profundidades libertadoras da Revelação, não existe o perigo de pô-los no mesmo plano.

SOB O REGIME E GOVERNO DE SATANÁS

Feitas estas precisões, retomemos a imagem de São Tomás sobre a função da cabeça, no que diz respeito ao demônio:

> *"Compete ao chefe conduzir para o seu próprio fim aqueles que governa. Ora, o fim que o diabo pretende é que os homens se separem de Deus: foi por isso que, logo no princípio, procurou separar Adão e Eva da obediência aos preceitos de Deus. Quando os homens, cometendo pecados, são conduzidos a esse fim, quer dizer, à aversão contra Deus, caem sob o regime e governo do demônio, e este pode ser chamado sua cabeça"*[24].

Na mesma linha, Santo Agostinho explicava aos fiéis de Hipona de que modo a sua má conduta os tornava filhos do demônio: "Se tu imitas o diabo que, pelo seu orgulho e impiedade, se levantou contra Deus, serás filho do diabo. Chegarás a sê-lo, não por ele te ter criado ou gerado, mas porque o imitas na sua aversão a Deus". Porque o diabo não fez ninguém, não gerou ninguém, não criou ninguém. Mas todo aquele que imita o diabo é como se tivesse nascido dele; transforma-se em filho do diabo por imitação.

Por acaso estas considerações, dirigidas à comunidade cristã de Hipona, não servem também como advertência aos homens de hoje? Quantos têm consciência de que, dando deliberadamente as costas a Deus e à sua lei, se transformam, moralmente, em filhos das trevas, quando possuíam a vocação de ser filhos da luz? Esses seguem o príncipe deste mundo.

Pode surgir agora uma questão relativa às relações dos anjos maus entre eles. Existe uma hierarquia entre os demônios? Os anjos menos ricamente dotados obedecem aos anjos superiores? Rebeldes a Deus, podem os anjos pecadores mostrar-se respeitosos nas relações com o seu chefe? Numa palavra, admitem uma autoridade? Como explicar a concórdia relativa que parece reinar no mundo satânico?

A resposta de São Tomás põe de relevo o traço característico do mundo satânico: o ódio. "A concórdia que leva alguns demônios a obedecer a outros não procede da sua mútua amizade, mas de uma maldade comum que os faz odiar os homens e resistir à justiça de Deus. Com efeito, é um traço característico dos homens ímpios unirem-se entre eles e, para conseguirem os seus desejos malvados, submeterem-se àqueles que são

mais poderosos e mais fortes"25. Pode-se dizer que os anjos maus são oportunistas, uma vez que também entre eles "a união faz a força".

POR QUE TANTO ÓDIO?

São Francisco de Assis foi definido como "a oração encarnada" pelo modo como todo o seu ser tendia continuamente para Deus. De Satanás poderia afirmar-se que é, de alguma maneira, "o pecado encarnado" ou "personalizado" pelo seu ódio total a Deus, pela inveja total que sente dos homens, pelo modo como o pecado domina o seu ser.

Esta definição do demônio repugna à nossa inteligência. Com efeito, como conceber um ser extraordinariamente dotado que seja exclusivamente ódio e inveja? Este mistério de iniquidade desconcerta-nos.

A 23 de julho de 1986, o Papa João Paulo II abordou na sua catequese o tema da queda dos anjos, que dividiu o mundo dos espíritos puros em bons e maus:

> *"Os bons escolheram a Deus como bem supremo e definitivo, conhecido pela luz da inteligência iluminada pela Revelação. Terem escolhido a Deus significa que se voltaram para Ele com toda a força interior da sua liberdade, uma força que é amor. Deus converteu-se no fim total definitivo da sua existência espiritual.*
>
> *"Já os outros anjos — prossegue o Papa — viraram as costas a Deus, à verdade do conhecimento que mostra nEle o bem total e definitivo. Fizeram uma escolha contra a revelação do mistério de Deus, contra a graça que os fazia participar da Trindade e da amizade eterna com Deus na comunhão com Ele pelo amor. Servindo-se da sua liberdade criada, fizeram uma escolha tão radical e irreversível como a dos anjos bons, mas diametralmente oposta: em vez de uma aceitação de Deus cheia de amor, opuseram-lhe uma recusa inspirada num falso sentimento de autossuficiência, de aversão e mesmo de ódio, que se transformou em rebelião"*[26].

Aí está a explicação para essa revolta absoluta contra Deus em seres dotados de uma inteligência tão poderosa e enriquecidos por tanta luz: o falso sentimento de auto--suficiência, que os levou à aversão contra Deus e, por fim, a um ódio tão profundo que pode parecer fruto da loucura.

João Paulo II sublinha que "os Padres da Igreja e os teólogos não duvidam em falar de uma «cegueira» produzida nos demônios por uma valorização excessiva da perfeição do seu ser levada a tal extremo que velou neles a supremacia de Deus, quando esta exigia, pelo contrário, um ato de submissão dócil e obediente. Tudo isto parece exprimir-se de

maneira concisa nas palavras: Não te servirei! (Jer 2, 20), que manifestam a recusa radical e irreversível de participar da edificação do Reino de Deus no mundo criado".

Numa palavra, Satanás, o espírito rebelde, quer edificar o seu próprio reino, não o de Deus. "Erige-se em primeiro adversário do Criador, oposto à Providência, em antagonista da sabedoria amorosa de Deus.

"Da rebelião e do pecado de Satanás, como também dos pecados do homem, devemos tirar uma conclusão e acolher a sábia experiência da Sagrada Escritura, quando afirma: O orgulho conduz à ruína (Tob 4, 13)".

UM INSTRUMENTO NAS MÃOS DE DEUS

"Quantas vezes me terias abandonado, meu filho - acaba de me dizer Jesus -, se eu não te tivesse crucificado!" Era um gigante da santidade contemporânea, o padre Pio, quem confidenciava ao seu diretor espiritual essa loquela divina". Palavras impressionantes, certamente, que mostram o papel decisivo das provações numa vida cristã. Sem elas, o homem corre o risco de deslizar para a mediocridade e nela afundar-se; corre até o risco de habituar-se a viver em pecado.

> (*) O padre Pio de Pietralcina (Francesco Forgione, 25.05.1887-23.09. 1968) fez-se frade capuchinho aos quinze anos; ordenado sacerdote em 1910, recebeu em 5 de maio de 1918, enquanto orava diante do sacrário da igreja do seu convento, San Giovanni Rotondo, o favor da transverberação. Quinze dias depois, passou a apresentar também os estigmas: daí cm diante e até a morte, teve as mãos e os pés perfurados por chagas arredondadas de uns dois centímetros de diâmetro e, no flanco direito, uma ferida em forma de cruz, fenômeno medicamente inexplicável. Apesar de ter a saúde debilitada já desde muito antes, e de sofrer ao longo de toda a vida de severos tormentos interiores, a sua fama de diretor de almas atraiu multidões vindas da Itália e depois de todos os países. A partir de 1940, começou a promover a construção da Casa de Alívio do Sofrimento, um hospital-modelo que devia ser "expressão da caridade de Cristo", e a promover Grupos de Oração "nascidos para renovar a vida cristã". Foi beatificado em Roma a 2 de maio de 1999 (N. do E.).

Com a concisão e serenidade que lhe são habituais, São Tomás exprime assim esta incômoda verdade: "Deus distribui bens e males temporais pelos homens justos, na medida em que precisam deles para alcançarem a vida eterna"[28].

Um Deus bom, distribuidor de males! Que paradoxo, ao menos na aparência! Trata-se, no entanto, de uma verdade cristã fundamental: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e siga-me (Lc 9, 23), adverte-nos Cristo. A cruz acompanha necessariamente a vida do cristão. *O discípulo não é mais que o mestre. Todo o discípulo bem preparado será como o seu mestre* (Lc 6, 40).

O SINAL MAIS SEGURO

São Tomás vai ainda mais longe quando comenta este versículo da Epístola aos Hebreus: O Senhor castiga aquele a quem ama e açoita todo aquele que reconhece como filho (Hebr 12, 6). Deus corrige porque ama, explica o santo Doutor. As provas são, portanto, fruto do amor: *"Por conseguinte, não podem ser considerados filhos do Pai aqueles que não são provados e castigados. A ausência de provas é quase um sinal de reprovação eterna"*[29]. Se se reparar que uma parte considerável das provas são causadas por Satanás, poderá apreciar-se melhor o papel do mundo diabólico na história da salvação.

É significativa, por outro lado, a atenção dedicada pelos santos e mestres espirituais à presença de Satanás na vida humana, como também a importância que atribuem ao papel das provas e tentações.

Com que lucidez o Cura d'Ars, São João Maria Vianney, que conhecia muito bem os demônios, põe de relevo o papel que eles desempenham na vida cristã! Diz o Santo: *"Deus permite ao diabo tentar-nos e provar-nos para aumentar os nossos méritos, tomar mais puras e elevadas as nossas virtudes, e mais rápidos os nossos passos no caminho para Ele"*[30].

"Como merecemos compaixão se não somos fortemente combatidos pelo demônio! Com toda a probabilidade, é porque somos seus amigos. Ele deixa-nos viver numa falsa paz, adormece-nos sob o pretexto de que fizemos algumas orações e de que somos menos malvados que os outros"[31].

O Cura d'Ars cita a este propósito o conselho de São Gregário Magno: "Se não tendes tentações, então os demónios são vossos amigos, vossos condutores e vossos pastores. Vivendo tranquilamente a vossa pobre vida, no final dos vossos dias os demônios vos arrastarão para os abismos". E a seguir acrescenta esta reflexão, que se liga ao pensamento de São Tomás: *"Podemos dizer que, embora seja muito humilhante ser tentado, este é o sinal mais seguro de que estamos no caminho do céu"*[32].

Lemos bem: não só "um sinal", mas "o sinal mais seguro"!

Igualmente perspicazes são as observações de São Vicente de Paulo sobre o papel de Satanás na vida cristã: Deus permite as tentações "para

nos exercitar e nos tornar santos". E acrescenta: "Ser provado pelas tentações é uma graça e um sinal de que Deus nos ama".

Dizia ele às Filhas da Caridade: *"O estado de tentação é um estado bem-aventurado e um só dia nesse estado nos proporciona mais méritos que um mês sem tentações [...]. Não se deve rezar a Deus para que nos livre delas, mas para que saibamos usá-las bem e para que nos impeça de sucumbir. O Apóstolo Tiago aconselha: Aceitai de coração todas as provas pelas quais passais (Ti 1, 2). Pelo contrário, é um sinal de reprovação ter tudo o que se quer segundo os próprios gostos!"*[33] *"Não seríeis Filhas da Caridade - declarou um dia o santo fundador - se não fôsseis tentadas. É uma regra geral que todos os servidores de Deus são tentados".*

Com uma ponta de humor, Charles Journet faz o seguinte comentário sobre a extraordinária fecundidade das tentações suportadas com espírito de fé*: "Ninguém, depois de Deus, terá trabalhado tanto pela santidade de Jó como o diabo, e ninguém a terá desejado menos"*[34].

Santo Inácio de Loyola escrevia em 16 de setembro de 1554 ao seu confrade, o padre Miguel da Nóbrega, capturado pelos turcos: "Já que Deus nosso Senhor e Criador vos concedeu a graça de sofrer ao seu serviço, que se digne conceder-vos toda a paciência e força que julgue necessárias para que possais levar sobre os vossos ombros, dando graças, uma cruz tão pesada, reconhecendo que é a sua divina bondade que nos envia as penas, as fadigas, as tribulações, a adversidade, com o mesmo amor com que envia habitualmente o descanso, o contentamento, a alegria e toda a prosperidade".

E acrescentava: "Deus conhece como um médico muito sábio, e quer como um Pai muito bom, o remédio mais adequado para curar as doenças das nossas almas, escondidas ou manifestas. E assim cuida de nós de acordo com o que é melhor, ainda que não seja de acordo com os nossos gostos".

Ora, para esse fim, Deus serve-se também dos demônios.

"COMO COM OS OLHOS DE DEUS"

Só uma fé profunda e lúcida é capaz de ver nas tentações do demônio um instrumento manejado por Deus para a salvação e progresso espiritual dos homens. Trata-se de uma verdade sobrenatural. Abandonada às suas forças naturais, a razão do homem não pode captá-la, do mesmo modo que um gato ou um tigre não podem voar, por muito musculosos que sejam.

Convém recordar aqui que, como explica o Pseudo-Dionísio, o cristão adulto está dotado de três pares de olhos: os olhos da carne, que veem as realidades materiais; os olhos da inteligência, que captam as

realidades espirituais; os olhos da fé, que alcançam as realidades sobrenaturais. Seguindo esse mestre espiritual, São Tomás afirma, numa expressão audaz, que, graças a este último par de olhos, o cristão vê "como com os olhos de Deus", isto é, participa de algum modo do olhar de Deus sobre a sua obra. A contemplação proporcionada pela fé traz consigo a perspectiva sobrenatural do desenrolar das vicissitudes humanas, que, com a intervenção dos anjos bons e dos anjos maus - cada um à sua maneira -, contribuem para a edificação do mundo de Deus.

De acordo, dir-se-á: as provações desencadeadas pelos demônios podem favorecer o progresso espiritual do cristão, como a ausência de provações pode comprometê-lo. Mas como é que isso acontece na vida concreta de cada dia? Como é que o diabo, que odeia os homens, pode ajudá-los na sua ascensão para Deus?

A explicação não é difícil. Ao tentar-nos, o diabo coloca-nos diante de uma alternativa: obriga-nos a optar entre o bem e o mal, e desse modo proporciona-nos uma ocasião de fazer uma escolha construtiva. Ora, proporcionar a uma pessoa ocasiões de elevar-se moralmente não é prestar-lhe um serviço maravilhoso? E não é verdade que os homens e as mulheres podem permanecer toda a vida num estado de mediocridade moral, se nunca se veem na rude e feliz necessidade de optar entre duas vias: uma em descida e outra em subida?

Tomemos uma criança e deixemo-la passar a adolescência numa aldeia atravessada por um riacho: não aprenderá a nadar. Façamos crescer essa mesma criança numa cidade banhada pelo mar: dentro de poucos anos será um excelente nadador. Foi-lhe dada a ocasião de que precisava para desenvolver as suas aptidões.

O mesmo acontece com os homens a caminho do seu destino eterno. Com a permissão do Senhor da História, Satanás pode criar-lhes toda a espécie de obstáculos: dificuldades materiais, problemas de saúde, incompreensões, oposições, inimizades, invejas, ódios, etc. São outras tantas oportunidades que se lhes deparam de optar entre duas soluções: a capitulação ou a luta.

"PENSARÍEIS QUE A QUER DESTRUIR"

São Vicente de Paulo emprega uma deliciosa comparação para mostrar às Filhas da Caridade como Deus se serve das provas e tentações do demônio para o progresso espiritual dos homens:

> *"Minhas filhas, vós sois como uma pedra com a qual se quer fazer uma bela imagem de Nossa Senhora, de São João ou de algum outro santo. Que deve fazer o escultor para conseguir o seu propósito? Tem de pegar num martelo e tirar dessa pedra tudo o*

que sobra. E para isso começa por golpear a pedra com o martelo, mas com uns golpes tão violentos que, se o vísseis trabalhar, pensaríeis que a quer desfazer em pedaços. Depois, quando tirou o mais grosso, pega num martelo mais pequeno e num cinzel para começar a formar a figura com todas as suas partes, e, por fim, em outros instrumentos mais delicados para conseguir a perfeição que deseja dar a essa imagem".

Vejamos agora a aplicação prática:

"Reparai, minhas irmãs, que Deus se comporta de maneira similar connosco. Vede uma pobre Filha da Caridade ou um pobre missionário. Antes de terem sido retirados do mundo por Deus, são grosseiros e brutos, são como grandes blocos de pedra. Mas Deus quer fazer deles belas imagens, e para isso intervém e lhes assesta grandes golpes com o martelo. E como é que o faz? Em primeiro lugar, fazendo-os sofrer calor e frio no lugar onde estão; depois, mandando-os visitar os doentes no campo, onde o vento corta a pele durante o inverno: não se deve deixar de ir por causa do mau tempo.

"É verdade! Assim são as grandes marteladas que Deus descarrega sobre uma pobre Filha da Caridade. Quem não vir senão as aparências, dirá que essa filha é infeliz; mas se lançar um olhar sobre o desígnio de Deus, verá que todos esses golpes não são senão para formar uma bela imagem.

"Quando Deus decide aperfeiçoar uma alma, permite que seja tentada contra a sua vocação, pondo-a à beira de abandonar tudo. Depois, como o escultor, toma o cinzel e começa a esculpir traços sobre esse rosto, e assim o vai adornando e embelezando"[35].

"Ele permite que seja tentada..." Pouco importa se pelos homens ou pelos demônios! O que importa compreender bem é que as provas e as tentações podem desempenhar um papel positivo nos planos de Deus. Ele emprega tudo para o bem dos que o amam (cfr. Rom 8, 28), mesmo quando descarrega grandes golpes de martelo sobre eles e parece querer destruí-los.

Quantos golpes de martelo e de cinzel teve de sofrer o bloco de mármore de que Michelangelo extraiu a Pietà! E quantas provas e tentações, causadas pelos homens e pelos demônios, tiveram de vencer os grandes santos para chegarem a ser o que foram!

BENFEITORES CONTRA VONTADE

Um Padre da Igreja, São João Crisóstomo, bispo de Constantinopla, dedicou-se especialmente a doutrinar os seus fiéis sobre o papel de Satanás na vida da Igreja. Dizia ao seu povo:

"Se vos perguntarem por que Deus deixou subsistir o demônio (depois da sua rebelião), respondei: Deus deixou-o porque, longe de prejudicar os homens atentos e vigilantes, o demônio lhes é útil. Não, certamente, pela maldade da sua vontade, mas pela esforçada resistência daqueles que se servem da sua malícia para seu proveito" [36].

Em que consiste essa "esforçada resistência" que consegue transformar um risco de queda em elevação espiritual? O demônio, certamente, empurra-nos para o mal, e muito frequentemente sob aparência de bem. Mas o homem fiel a Deus reage energicamente, rejeita a mão estendida e desse modo aumenta o seu amor ao bem.

O demônio sugere um ato de gula, mas o cristão vigilante resiste, por amor de Deus. Desta maneira, a tentação converte-se num ato que o aproxima de Deus. Sob o pretexto de que se deve conhecer o mundo em que se vive, o demônio pode sugerir a um jovem cristão que veja um filme ou assista a um programa de televisão inconveniente que está de moda ou que leia uma obra sutilmente antirreligiosa que todos comentam. Com uma enérgica reação de fé, esse cristão dirá "não" ao filme ou ao livro, e a sua relação com Deus se fará mais profunda. É assim, sem que o saiba e contra a sua vontade, que o Tentador pode contribuir indiretamente para que se enraízem no bem os que ele quereria empurrar para o mal.

Um teólogo, Maurício Flick, explica deste modo a contribuição de Satanás para o progresso espiritual dos amigos de Deus: "Por ódio e por inveja dos homens, os demônios procuram fazer mal de todos os modos possíveis. Mas, tentando os homens, os anjos rebeldes dão-lhes ocasião de aumentar os seus bens e de crescer espiritualmente. Assim, os demônios, que não quiseram cooperar com Deus na construção do Corpo místico, cooperam apesar deles"[37].

Devem-se então considerar os anjos rebeldes como benfeitores do homem no seu caminho para o destino eterno? São Tomás de Aquino aborda o problema no seu tratado sobre a caridade, incluído na Suma teológica. Pergunta-se se, em virtude dos benefícios que nos proporcionam indiretamente, sem o pretenderem, os demônios não têm direito à nossa simpatia. A sua resposta é clara: *"As vantagens que nos provêm dos demônios não são de maneira nenhuma devidas à intenção que os move, mas às disposições da Providência. Por esta razão, não temos obrigação de ter amizade por eles, mas de ser amigos de Deus, que converte em vantagem nossa aquela intenção perversa"*[38].

Numa palavra, "a intenção dos demônios é perder as almas — precisa São Tomás —, ao passo que a intenção de Deus é salvá-las"[39].

São João Crisóstomo exprime-se de modo análogo: *"O diabo é causa da salvação de um homem não pela intenção que o anima, mas pelo hábil expediente da Providência divina"*[40].

OS ATAQUES DE SATANÁS

A catequese de João Paulo II permite-nos compreender melhor algumas advertências dos Apóstolos às comunidades da Igreja primitiva. Assim, quando São Paulo escreve aos fiéis da cidade de Éfeso, depois de ter exortado os pais e os filhos, os senhores e os escravos a levarem uma vida cristã mais coerente, acrescenta uma consideração ao mesmo tempo surpreendente e iluminadora: Não tendes de lutar somente contra os homens, mas também contra as potências do inferno (cfr. Ef 6, 12). Isto significa que, para um bom cristão, não é suficiente lutar contra as suas más tendências e contra a influência perniciosa do ambiente, mas deve combater também contra esses inimigos invisíveis que são os demônios.

É significativo que o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática sobre a Igreja Lumen gentium (n. 35), recorde essa exortação do Apóstolo à Igreja de Éfeso. É como se os Padres conciliares dissessem aos católicos de hoje: *"Caríssimos irmãos e irmãs, atenção! Estai sempre em guarda! Ao lado dos vossos inimigos visíveis, estão, invisíveis, esses inimigos poderosos que são os demônios, sempre à espreita de uma presa! Vigiai para não cair nas suas redes!"*

Sim. Essa chamada de atenção, válida para os cristãos do primeiro século, também o é para os cristãos de hoje, como o será para os de amanhã. Porque nada mudou nem nada mudará na debilidade congênita dos homens e no ódio feroz de Satanás por eles. A persistência do perigo requer a continuidade da vigilância.

Uma passagem bem conhecida da primeira carta "encíclica" de São Pedro soa de modo parecido à advertência de São Paulo. São Pedro é até muito mais explícito, exprimindo-se numa linguagem facilmente compreensível para o comum dos fiéis: *Sede sóbrios e vigiai! O vosso adversário, o demônio, anda como leão que ruge, buscando a quem devorar. Resisti-lhe firmes na fé* (1 Pe 5, 8). É significativo que São Pedro, a fim de sublinhar melhor a gravidade do perigo, chegue a comparar o demônio ao leão, o animal que é considerado o mais feroz de todos.

Cada palavra, nesse trecho da carta pastoral de São Pedro, mereceria um comentário, tão grande é a sua intensidade e sabedoria prática! Na verdade, para as primeiras comunidades cristãs, recentemente evangelizadas, a luta contra os demônios não era uma caçada de mero divertimento, um passatempo deixado ao capricho de cada um. A presença e a ação de Satanás eram manifestas. Essa luta incessante, conduzida pelo Adversário, fazia parte integrante da vida dos cristãos. Ora, a chamada de atenção do Apóstolo não se dirigia somente a uma minoria de cristãos fervorosos, mas à comunidade dos fiéis. Referia-se a nós.

Compreende-se, portanto, a insistência de São Pedro sobre a necessidade de vigiar e resistir. A vida cristã e o destino eterno de cada homem dependem desta vigilância e desta resistência. Sublinhemos também que São Pedro convida os fiéis a irem buscar as suas armas no arsenal da fé sobrenatural: *Resisti-lhe firmes na fé.*

Eco fiel do pensamento de São Pedro, São João da Cruz põe de relevo a necessidade de enfrentar os ataques de Satanás. Para sublinhá-lo bem, o Doutor místico recorre a expressões tiradas da arte militar: luta, luta espiritual, batalha espiritual, guerra, inimigo provido de armas e baterias, e combates, assaltos e ataques, armadilhas e emboscadas, recontros violentos em que se defrontam uns contra os outros, em que se resiste, em que se prevalece, dos quais se sai vencedor ou vencido [41].

Para esse combate sem tréguas contra os ataques sem descanso de Satanás, não podem bastar as armas naturais. Como veremos, o cristão precisa de forças sobrenaturais, das que vêm de Deus, do mesmo modo que um exército moderno precisa da aviação. A infantaria por si só não é suficiente.

Distinguem-se, em geral, três modos pelos quais se podem dar esses ataques do demônio: a tentação, que é a maneira habitual pela qual Satanás costuma agir; e os fenômenos chamados "preternaturais", isto é, não explicáveis apenas pelas leis da natureza e do psiquismo humanos, que são a obsessão e a possessão.

> Quanto à possessão, diz-nos Leo XIII: *"Tanto a Bíblia como a História, além da contínua experiência da Igreja, mostram com clareza meridiana que a possessão diabólica existe, ou seja, que o diabo penetra no corpo de uma pessoa e controla as suas atividades físicas: a sua palavra, os seus movimentos e ações. Mas o diabo não pode controlar a alma; a liberdade da alma humana permanece inviolável, e nem todos os demônios do inferno juntos podem forçá-la. Na possessão diabólica, a pessoa perde o controle das suas ações físicas, que passam para um poder mais forte, o do demônio. O que o corpo faz, é o demônio que o faz, não a pessoa"* (A fé explicada, págs. 37-38).

Na obsessão, pelo contrário, "mais que do interior da pessoa, o diabo ataca de fora", ou seja, atua sobre objetos e acontecimentos exteriores visando assustar a sua vítima, para levá-la a agir como ele quer. "Pode agarrar um homem e derrubá-lo; pode tirá-lo da cama, atormentá-lo com ruídos horríveis e manifestar-se de inúmeras formas. São João Batista Vianney, o amado Cura d'Ars, teve que sofrer muito por essa espécie de influência diabólica" (ver, a este respeito, Henri Ghéon, O Cura d'Ars, 2a. ed., Quadrante, São Paulo, 1998, e os fatos ocorridos com outros santos, que se narram nos últimos capítulos).

> Felizmente, *"tanto a possessão diabólica como a obsessão raras vezes se encontram hoje em terras cristãs; é como se o Sangue redentor de Cristo houvesse aprisionado o poder de Satã. Mas são ainda frequentes em terras pagãs, como muitas vezes testemunham os missionários, ainda que não tanto como antes do sacrifício redentor de Cristo"* (A fé explicada, págs. 37-38).

A este propósito, convém ter presente que qualquer tentativa de se comunicar com o "além", ou de invocar ou manipular os "espíritos" por meio de práticas mágicas (mesmo da "magia branca", pretensamente inócua), rituais espíritas ou esotéricos etc., seria uma aberração. Achar que o demônio pode "mostrar-se propício", ter "boas intenções" e "ajudar a obter benefícios" materiais ou espirituais, como fazem alguns autores modernos, significa ignorar inteiramente que Cristo nos advertiu de que o Maligno é um homicida desde o princípio (Jo 8, 44), e que é "cem por cento odiento", como vimos. A curiosidade e o fascínio mais ou menos mórbido que se podem experimentar diante desse tipo de práticas ou fenômenos podem facilmente debilitar o psiquismo e expor assim a pessoa a autênticas influências por parte dos anjos maus (para um caso verídico, ver Jeanine M. Graf, Cigana, em casa novamente, em Jornadas espirituais, Quadrante, São Paulo, 1998).

"O rito católico para expulsar um demônio de uma pessoa possessa ou obsessa - diz-nos também Leo XIII - chama-se exorcismo. No ritual da Igreja existe uma cerimônia especial para este fim, na qual o Corpo Místico de Cristo recorre à sua Cabeça, o próprio Jesus, para que quebre a influência do demônio sobre determinada pessoa. A função de exorcista é própria de todo o sacerdote, mas só se pode exercê-la oficialmente com licença especial do Bispo, e sempre que uma cuidadosa investigação tenha demonstrado que se trata de um caso autêntico de possessão, não de uma simples doença mental" (A fé explicada, pág. 38; N. do E.).

AS PRESAS PREFERIDAS

Os santos no-lo dizem: Satanás tem vítimas preferidas para os seus ataques. Não ataca todos os homens com o mesmo furor. Aliás, nem precisa: os cristãos medíocres e os pecadores inveterados já lhe pertencem.

A sua raiva orienta-se especialmente para os convertidos, que, com a graça de Deus, e talvez depois de inúmeras vacilações e retrocessos, de dolorosos recomeços, se subtraíram por fim ao seu império.

Assanha-se igualmente contra os cristãos fervorosos, contra os que militam com todas as suas forças na tarefa de expandir o Reino de Deus. Como o alegra uma deserção nessas fileiras!

Desencadeia sobretudo a sua ação contra os santos. "O demônio tenta principalmente as almas belas — observa o Cura d'Ars —. Sempre que prevê que alguém fará o bem, redobra os seus esforços. Os maiores santos foram os mais tentados". E São Tomás, depois de observar que "Satanás se esforça de maneira muito especial por dificultar a pregação evangélica", diz que "é uma honra ser atacado pelo demônio, já que o demônio tem especial implicância contra os santos".

Neste sentido, o diabo — assim o indicam os mestres espirituais — lança-se contra os que são fiéis à prática dos sacramentos e à oração, e, mais em particular, contra os que procuram ter vida de união com Deus, não apenas nos claustros, mas na vida corrente, elevando o coração a Deus no meio das ocupações de cada dia. Não é a oração um dos alicerces mais poderosos de toda a atividade da Igreja? E a busca do rosto e do coração misericordioso de Deus, enquanto se trabalha — que isso é ter vida contemplativa —, não é um dos modos mais elevados de prestar homenagem Àquele que é objeto de um ódio implacável, em qualquer tempo e lugar, por parte de Satanás e das suas legiões?

Por último, Satanás não suporta os que cultivam uma devoção sólida, filial e nada piegas pela Virgem Maria.

A TÁTICA DO DIABO

Como víamos atrás, para atacar essas almas com eficácia, Satanás tem necessidade de passar despercebido. "O estratagema mais bem conseguido do demônio é persuadir-nos de que não existe", escrevia no século passado Charles Baudelaire, enquanto um escritor alemão afirmava com um humor macabro que "nada alegra tanto o demônio como ler o anúncio da sua morte nos jornais".

Curioso contraste: ao passo que os grandes deste mundo se mostram ávidos de publicidade, ao passo que os políticos, os homens de negócios, os artistas, as estrelas de cinema e do mundo do esporte

desejam a todo o custo que os meios de comunicação falem deles, Satanás, pelo contrário, desaparece. Esconde-se. Disfarça-se. Esse monstro de orgulho pode parecer um modelo de humildade..., pelo seu empenho em não aparecer. A sua grande aspiração? Passar totalmente ignorado para assim realizar melhor os seus planos de ódio contra Deus e de inveja dos homens. "Para que atrairia a atenção e indicaria abertamente a sua presença, quando o seu poder de simulação é o seu meio de ação mais eficaz?"[42]

Como se devem alegrar os poderes das trevas com o silêncio quase completo que reina nos meios de comunicação sobre a ação do diabo! E como devem exultar ante a timidez de certas pessoas da Igreja que não ousam pronunciar o seu nome!

O cardeal J.L. Suenens, antigo arcebispo de Bruxelas-Malines, escreveu no prólogo do seu livro *Renoveau et puissances des ténèbres:*

> *"Ao finalizar estas páginas, confesso que eu mesmo me sinto interpelado, pois percebo que, ao longo do meu ministério pastoral, não sublinhei suficientemente a realidade das potências do mal que atuam no nosso mundo contemporâneo, bem como a necessidade do combate espiritual que se impõe entre nós"*[43].

Mencionemos, para dar um exemplo, a instrução dada por um sacerdote aos catequistas da sua paróquia*: "Sobretudo, não faleis do demônio às crianças! E isso por dois motivos: primeiro, porque não se deve traumatizá-las; em segundo lugar, porque o demônio não existe".*

Um catequista objetou: "Não pode ser, padre; o demônio existe, o Cura d'Ars teve de haver-se com ele...". O eclesiástico respondeu-lhe: "Se o Cura d'Ars tivesse comido menos batatas fervidas, não teria visto o demônio".

Semelhantes silêncios culposos e ironias ignorantes permitem-nos compreender melhor o desejo de Paulo VI de que os responsáveis pela evangelização prestem uma atenção muito maior à presença ativa de Satanás no mundo e na Igreja.

COMO IDENTIFICÁ-LO

Paulo VI perguntava-se sobre os sintomas que permitem identificar com certeza a presença das forças satânicas. Problema importante, sem dúvida, mas imensamente delicado!

Advertia-nos o Papa que a resposta a essa pergunta "requer muita prudência, mesmo quando os sinais do Maligno parecem por vezes evidentes (cfr. Tertuliano, Apologético, 23)". E reconhecia que "se trata de um diagnóstico demasiado vasto e demasiado difícil [...]. Mas, de qualquer modo - acrescentava -, reveste-se de um interesse dramático

para todos, como se vê pela literatura moderna, que lhe consagrou páginas célebres, por exemplo, as obras de Georges Bernanos. O problema do mal continua a ser para o espírito humano um dos mais importantes e permanentes, mesmo depois da vitoriosa resposta que Cristo lhe deu. Sabemos - escreve São João Evangelista - que nascemos de Deus, mas que o mundo inteiro geme sob o império do Maligno (1 Jo 5, 19)".

João Paulo II disse o mesmo na sua Mensagem de 31 de março de 1985 aos jovens do mundo inteiro, já anteriormente citada:

> *"Não se deve ter medo de chamar pelo seu nome o primeiro artífice do mal: o Maligno. A tática que aplicou e que aplica consiste em não se revelar, para que o mal difundido por ele desde a origem se desenvolva por ação do próprio homem, através dos sistemas e das relações entre os homens, entre as classes e entre as nações [...], a fim de que o mal se converta cada vez mais num pecado estrutural e cada vez menos se possa identificá-lo como pecado pessoal: numa palavra, a fim de que o homem se sinta num certo sentido «libertado» do pecado, _ enquanto ao mesmo tempo se afunda cada vez mais nesse pecado".*

Convém-nos meditar nestas palavras do Papa: "Não se deve ter medo de chamar pelo seu nome o primeiro artífice do mal: o Maligno". Assim o faz a oração que o Senhor nos ensinou - o Pai-Nosso -, levando-nos a suplicar diariamente ao Pai que nos livre dele (Mt 6, 13). E se o Pai-Nosso nos faz implorar cada dia esta libertação, é porque o Mestre é quem melhor compreende a profundidade da nossa inata debilidade e a extensão da perniciosa atividade de Satanás.

> No seu discurso ele 15.11.1972, Paulo VI precisava: *"Podemos reconhecer a sua sinistra intervenção onde se nega a Deus de um modo radical, sutil e absurdo; onde a mentira hipócrita se afirma com força contra a verdade evidente; onde o amor é afogado por um egoísmo frio e cruel; onde o nome de Cristo é objeto de um ódio consciente e selvagem (cfr. 1 Cor 16, 22; 12, 3); onde o espírito do Evangelho é desnaturado e desmentido pelos atos; onde se afirma que o desespero é a única perspetiva possível, etc.*".

Cada um é tentado pela sua concupiscência, que o alicia e seduz, diz São Tiago (Ti 1, 14), e a verdade é que, na imensa maioria dos casos, as más inclinações presentes na nossa natureza caída bastam para explicar as tentações que sofre o cristão corrente. Ou seja, na imensa maioria dos casos, não é provável que determinada tentação - um movimento de luxúria, de gula ou de preguiça, um desânimo, um mau pensamento a respeito de alguém, o prurido de fazer um comentário

desabonador acerca de uma pessoa ausente por inveja, vingança, etc. - tenha sido provocada pelo demônio.

Por outro lado, porém, é verdade que o demônio se aproveita das nossas más inclinações como "linhas preferenciais" de tentação, uma vez que já sabe de antemão onde se encontra o nosso "calcanhar de Aquiles" e assim pensa ter maiores possibilidades de êxito se insistir nesse ponto mais fraco das nossas defesas. Assim, é de suspeitar que esteja por trás das tentações que se repetem insistentemente, que se prolongam além do que seria razoável esperar da nossa natureza volúvel, tão dada a altos e baixos — tanto para bem como para mal —, e que chegam quase a ter um caráter obsessivo. Mas apenas se justifica pensar assim quando, ao mesmo tempo, o teor de vida do cristão tentado não dá, por si mesmo, margem a essas provas.

É o que ocorre, por exemplo, no caso de determinados temperamentos que, apesar de lançarem mão honestamente de todos os meios recomendados para viver a pureza no seu estado, podem às vezes sofrer duramente e por muito tempo de tentações imaginativas ou meramente corporais contra a castidade, causadas por objetos ou situações sem proporção com a intensidade e a violência do impulso que provocam. Ou de sentimentos também desproporcionados de repulsa, crítica ou malevolência que surgem e tornam a surgir uma e outra vez contra uma ou várias pessoas, geralmente importantes para a vida espiritual do cristão que se vê tentado — a esposa ou o marido, os pais, o diretor espiritual, o legítimo superior, se for religioso ou sacerdote etc. —, e isto apesar de todo o esforço que se faz por orar, compreender, perdoar (se for o caso) e amar essas pessoas. Ou ainda, de uma forte sensação de desânimo que leva a pensar que é impossível chegar ao nível de virtude que Deus exige de cada um de nós, ou ao menos que é impossível "para mim", e isto apesar de se fazer um esforço habitual e intenso por lutar.

A soberba, isto é, o apreço imoderado que se tem por si mesmo, pelas próprias "razões", "certezas" e "boas intenções" é sem dúvida o defeito em que Satanás encontra o seu melhor cúmplice na nossa alma. Fomentará, assim, tudo o que sejam sensações genéricas de injustiça, de falta de reconhecimento e compreensão; e, por outro lado, animará também a estabelecer comparações que nos sejam favoráveis, a desprezar os outros como "hipócritas, "medíocres" ou "cheios de si", a indispor-se com os seus defeitos e a alimentar ressentimentos contra eles. Em resumo, estimulará tudo o que leve o cristão a isolar-se, a abandonar a missa, os sacramentos, a confissão e a direção espiritual, a "relacionar-se com Deus por conta própria".

Mais adiante o Autor falará dos meios de que dispomos para combater as tentações, e por esta razão não nos referiremos especialmente a eles

aqui. Basta ter presente que nesses casos importa acima de tudo orar sempre e não desfalecer (Lc 18, 1), sabendo que se trata de autênticas provações destinadas a fazer-nos crescer em paciência e santidade (N. do E.).

SOB AS APARÊNCIAS DE ANJO DE LUZ

Há um artifício que torna a ação do demônio particularmente perigosa e difícil de ser identificada: é quando esse inimigo da alma se apresenta, não como uma potência das trevas, mas como um anjo de luz. Abutre voraz, o diabo pode revestir as aparências de uma amável pomba. Tremendamente repugnante na sua realidade autêntica, transforma-se em atraente e simpático.

Segundo certos exegetas, a expressão anjo de luz empregada por São Paulo - Satanás transfigura-se em anjo de luz (2 Cor 11, 14) - referir-se-ia às aparências sedutoras sob as quais Satanás se teria apresentado a Eva no Paraíso terrestre. Foi esta a primeira cilada do anjo caído, cuja "política" em relação aos homens não é senão a impostura e a fraude. Não o definiu Jesus como mentiroso e pai da mentira? (Jo 8, 44).

Numa expressão particularmente concisa, São Tomás caracteriza a tática sedutora de Satanás: *"Aliud protendit, et aliud intendit"* - uma coisa é o que parece oferecer e outra o objetivo secreto que persegue. Não tem rival na ambiguidade e na duplicidade.

SOB PRETEXTO DE HUMILDADE

Santa Teresa de Jesus, Doutora da Igreja e mestra de espirituais, teve de defrontar-se com Satanás. Conhecia a sua tática. Na sua autobiografia, conta como o demônio, sob pretexto de humildade, conseguiu afastá-la durante mais de um ano da prática da oração mental, alma da vida carmelitana.

> *"Combateu-me o demônio neste ponto e fez-me sofrer tanto, sugerindo-me que era pouca humildade fazer oração, sendo eu tão ruim, que - como já disse - a abandonei durante ano e meio ou pelo menos um ano [...]. Isto significava, e realmente significou, meter-me eu mesma no inferno, sem necessidade de demônios que me arrastassem. Oh!, valha-me Deus!, que cegueira tão grande! E quão bem acerta o demônio, para alcançar os seus propósitos, quando carrega aqui a mão! Sabe o traidor que está perdida para ele a alma que persevera na oração"*[44].

> *"Sob a aparência de bem* - afirma São Vicente de Paulo -*, o diabo induz ao mal. Propõe a coisa [malvada] como muito doce e útil, acrescenta condimentos para que a achemos agradável. Se vê que não se aceita a sua proposta, que se resiste a essa primeira tentação, muda o condimento"*[45].

Os mestres espirituais apontam uma tentação do diabo frequente entre as pessoas preocupadas com o seu progresso espiritual. Sob o pretexto de uma maior influência apostólica, o demônio fá-las desejar uma ocupação diferente da que têm. "Para os que têm boa vontade - dizia São Francisco de Sales -, o mal dos males é quererem estar sempre onde não podem e não quererem estar onde podem"46. Criando a confusão entre as almas, Satanás quer afastá-las do cumprimento da vontade de Deus.

O mesmo santo descobre outra cilada de Satanás: fazer-nos começar muitas coisas ao mesmo tempo para impedir que as acabemos. "Com frequência, o inimigo procura que empreendamos e comecemos vários projetos ao mesmo tempo, a fim de que, esmagados pelo trabalho excessivo, não acabemos nada e deixemos tudo imperfeito. Às vezes, chega até a sugerir-nos o desejo de empreender alguma tarefa excelente, que prevê que não levaremos a bom termo, para nos afastar de realizar outra menos excelente que poderíamos realizar facilmente. Porque ele não se preocupa de maneira nenhuma de que se façam muitos projetos e começos, desde que não se conclua nenhum deles".

O Santo ilustra o seu pensamento com saborosas comparações:

> *"Não se deve comer tanta carne que não se possa digerir o que se come. O espírito sedutor detém-nos nos começos, fazendo com que nos contentemos com uma florida primavera; mas o Espírito Divino nos faz olhar os começos unicamente para chegarmos ao fim e nos faz alegrar-nos com as flores da primavera somente para que gozemos dos frutos do verão e do outono"* [47].

Outra armadilha que o diabo estende aos cristãos fervorosos: o ativismo.

> *"Quando o diabo não pode conseguir diretamente que nos comportemos mal, leva-nos a assumir mais obras boas do que aquelas que podemos atender e desse modo nos sobrecarrega [...], até nos ver esmagados sob um peso demasiado grande e uma carga excessivamente pesada". Assim se exprimia um dos maiores homens de ação da história da Igreja, São Vicente de Paulo, numa "conversa com os seminaristas sobre os excessos que é preciso evitar no amor a Deus".*

Gerson, chanceler da Universidade de Paris, autor de um tratado sobre as diversas tentações do demônio, aponta entre outros os seguintes

artifícios, na linha da "tentação das coisas boas": sugerir obras demasiado difíceis para provocar o desânimo e a desilusão; induzir a recitar uma avalanche de orações para tirar o gosto de rezar e para alimentar um orgulho sutil à custa dos deveres de estado; impelir a abster-se de fazer o bem sob o pretexto de modéstia e de humildade; suscitar a cólera nos outros sob o pretexto da correção fraterna, que Cristo nos aconselha a praticar como prova de caridade; induzir à complacência nas doçuras da piedade até ao extremo de fazer delas o objetivo da vida interior"[48].

Quanto realismo nesta análise do coração do homem e das perfídias do anjo de luz! Como a máxima de São Tomás de Aquino ilustra bem os artifícios dessas ciladas: uma coisa é o que o diabo parece oferecer e outra o objetivo secreto que tem em vista!

O objetivo apresentado? Uma atividade febril, uma cascata de orações, uma atitude de humildade, um compromisso social, uma piedade sentimental. O objetivo procurado? O ativismo, ruína da vida espiritual; o formalismo, câncer da piedade; um simulacro de modéstia, alimento secreto do orgulho; o amor do homem separado do amor de Deus; uma devoção sem base dogmática; um desânimo opressivo e paralisante.

É MAIS DIFICIL DE DESCOBRIR

No seu estudo sobre a demonologia de São João da Cruz, o padre Nilo de São Brocardo diz que enganar e engano são as palavras empregadas com mais frequência pelo Doutor místico quando fala das atividades de Satanás:

> *"O diabo - escreve - sabe transfigurar-se, disfarçar-se, mascarar-se, difundir erros e mentiras, numa palavra: sabe enganar. E tudo isso com um propósito: prejudicar espiritualmente a alma. Para separá-la da via segura da fé, insinua-se com delicadeza e discrição; não lhe faltam, por outro lado, habilidade, artimanhas e astúcia"*[49].

O santo Doutor estabelece uma comparação entre os três inimigos da alma: o mundo, o demônio e a carne.

> *"O mundo é o inimigo menos trabalhoso. O demônio é o mais obscuro de ser entendido. A carne é o mais tenaz de todos e as suas arremetidas duram enquanto dura o homem velho"*[50].

Mas acrescenta que, desses três, o maior é o demônio: "As suas tentações e astúcias são mais fortes e duras de vencer e mais difíceis de entender que as do mundo e da carne, porque o demônio também vai buscar forças nesses outros dois inimigos — o mundo e a carne —, para declarar uma forte guerra à alma" SI. E, noutra passagem, insiste ainda

nesta verdade: "Não existe poder humano comparável ao do diabo; [...] ele é o inimigo mais forte e astuto"[51].

Uma das "estratégias" preferidas do demônio disfarçado de anjo de luz é a de semear cizânia no campo do Reino de Deus, a Igreja, de maneira a tornar difícil distinguir o bom trigo do joio; na parábola evangélica, Cristo denuncia claramente: a cizânia são os filhos do maligno; o inimigo que semeia é o diabo (cfr. Mt 13, 36-43).

Com efeito, tudo o que leva à desorientação dos cristãos e atenta contra a unidade da Igreja é, no fundo, obra do poder das trevas, sobretudo se o joio semeado procede de agentes que julgam prestar um serviço a Deus e que, gozando de autoridade, nela se apoiam para sustentar meias verdades, mais nocivas que a mentira descarada. Este é o mecanismo que podemos reconhecer em todas as heresias e cismas que houve na história da Igreja, e igualmente nas ideologias que proliferam nos nossos tempos.

Foi em nome de uma suposta fidelidade à Sagrada Escritura e à fé que os protestantes atacaram a Igreja, que é quem garante a inerrância e o sentido autêntico da Bíblia e conserva e transmite intactos os dados da fé; é em nome da tradição que o lefevrismo ataca o Concílio Vaticano II, que confirmou tudo o que havia de válido e permanente na Tradição; é em nome da igualdade de direitos da mulher, doutrina ensinada e posta em prática pela Igreja desde o princípio, que alguns setores do feminismo moderno pretendem desnaturar o sentido do sacerdócio católico; é em nome da caridade que se pretende admitir à receção dos sacramentos os descasados que vivem maritalmente; foi em nome da bem-aventurança prometida aos pobres no Sermão da Montanha — sempre presente, desde há séculos, na doutrina e nas obras da Igreja em favor dos menos favorecidos — que a teologia da libertação de inspiração marxista armou uma contrafação dos Evangelhos, uma "releitura" que levou a deserções em massa, a militâncias de partido político, ao abandono da Igreja por parte de muitos cristãos e à sua absorção por seitas.

Haverá entre vós falsos mestres — prevenia-nos já São Pedro — que introduzirão heresias perniciosas, chegando até a negar o Senhor que os resgatou e atraindo sobre si uma repentina perdição (2 Pe 2, 1). E São Paulo dizia, dorido: E necessário que haja. hereges entre vós, para que se possam manifestar os que são realmente virtuosos (1 Cor 11, 19).

Nessa tática de tergiversação das coisas boas, mereceria um capítulo à parte a distorção paulatina a que foi submetida a ideia-mestra evangélica do amor humano como manifestação e fruto da caridade, do amor a Deus.

Primeiro, as sementes da teoria do "amor livre", lançadas por meio dos pensadores iluministas; depois, a "sentimentalização" do amor,

reduzido primeiro a mera paixão pelos escritores românticos, e a fase seguinte, a da sua "sexualização" pelos chamados "naturalistas". Em harmonia com essa guerra ideológica, o avanço simultâneo e muito bem orquestrado na frente jurídica: primeiro, pela "ponta de lança" do divórcio para casos excepcionais, em que a convivência entre marido e mulher se tornava realmente impossível e ameaçava a formação dos filhos; a seguir, a "cunha" que ampliava a brecha, estendendo cada vez mais as causas de divórcio até chegar ao divórcio por mero consentimento dos cônjuges, isto é, sem causa nenhuma; por fim, a destruição prática da instituição do casamento, equiparado ao concubinato, às uniões entre gays etc.

Tudo isso, sob o fogo de barragem incessante das revistas "femininas" e "masculinas" e depois da televisão, que passaram gradualmente da frivolidade ao erotismo light, do light ao hard, depois à pornografia pura e simples e por fim à degradação aberta. E sem esquecer, é claro, os "ministros da propaganda" infernal, que acobertaram e acobertam ao máximo a situação, travestindo-a de "liberdade individual", "direito à felicidade", "controle da natalidade" como garantia contra a superpopulação e o fantasma da fome (precisamente numa sociedade que faz gala do consumismo, do desperdício e da ostentação!), etc. etc.

E essa campanha, por sua vez, serviu sobretudo para introduzir no seio das sociedades cristãs aquilo que o Papa João Paulo II chamou a cultura da morte. Desestabilizando a família, o demônio — essencialmente homicida, lembremo-nos — conseguiu lançar milhões de jovens na solidão e no desespero, na vida das ruas e das drogas; conseguiu tornar "socialmente aceitável" um crime como o aborto, tão repugnante ao simples senso comum; e está neste momento empenhado em conseguir que a sociedade passe também a liquidar os velhos e os doentes incuráveis, por meio da eutanásia, do eugenismo disfarçado de "reprodução assistida" etc. Por trás desse empenho que congrega forças dispersas pelo mundo inteiro ao longo de vários séculos, será tão difícil assim enxergar os cornos de Satanás?

Não há dúvida de que, a longo prazo, o demônio fracassará também em mais esta ofensiva contra a Igreja. No entanto, o mal que já provocou e continua a provocar é simplesmente indizível, superando de longe todas as guerras deste século (N. do E.).

O MECANISMO DA TENTAÇÃO

O cardeal Suenens, que, pela sua missão, foi chamado a aprofundar na doutrina católica sobre os anjos maus, esboça o seguinte quadro da fé dos cristãos contemporâneos na existência dos demônios.

> *"É preciso reconhecer que existe hoje entre os cristãos certo mal-estar acerca do tema da existência do ou dos demônios. Mito ou realidade? Deve-se relegar Satanás ao reino dos fantasmas? Consiste simplesmente na personificação simbólica do Mal, numa desagradável recordação de uma idade pré-cientifica já ultrapassada?*
>
> *"Numerosos cristãos optam pelo mito: os que aceitam a sua realidade sentem-se inibidos e incomodados ao falarem do demônio, por medo de dar a impressão de que aceitam as imagens populares que o rodeiam e de que desconhecem os progressos da ciência."*
>
> *"A catequese, a pregação, a doutrina teológica ensinada nas Universidades ou nos seminários evitam geralmente o tema. E mesmo nos lugares onde se discute a existência do demônio, mal se aborda o exame da sua influência no mundo. O demônio conseguiu fazer-se considerar um anacronismo: é o cume do seu êxito sobre nós.*
>
> *"Nestas condições, um cristão de hoje precisa de coragem para enfrentar a ironia fácil e o sorriso compassivo dos seus contemporâneos. E muito mais se se tem em conta que reconhecer a existência do demônio não combina quase nada com o que Léon Moulin chama «o otimismo pelagiano da nossa época» *. Mais do que nunca, portanto, convida-se o cristão a confiar na Igreja, a deixar-se conduzir por ela..."*[53]
>
> (*) O pelagianismo foi uma heresia do século IV, difundida por um monge bretão de nome Pelágio. Afirmava, em substância, que a santidade era resultado do esforço humano, e não da graça; ou seja, negava o pecado original e afirmava a bondade da natureza humana, que seria capaz de atingir a impecabilidade - o estado em que já não seria possível pecar - unicamente por meio das próprias forças. A fé, a justificação e a perseverança final já não seriam dons de Deus, mas simples resultados das virtudes humanas. A atual tendência a negar o pecado, a minimizar a sua importância ou a explicá-lo como uma espécie de "disfunção psicológica", e a confiança simultânea num futuro dourado a que a ciência, a democracia, o livre mercado, a globalização hão de conduzir a humanidade, estão, como se vê, muito próximos do erro pelagiano (N. do E.)

O quadro traçado pelo cardeal parece sombrio. Talvez fosse ainda mais sombrio se se analisasse a enorme diversidade de opiniões sobre o demônio que se observa entre os cristãos que creem na sua existência. Não é verdade que parece haver muitos para quem as tentações do diabo atingem apenas uma elite espiritual - os santos? O comum dos cristãos quase não seria objeto dos seus assaltos e ciladas.

Satanás existe? Sim, com certeza. É um perigo imediato para todos e cada um? De maneira nenhuma!

No entanto, todos e cada um - ensina a Igreja - podem ser objeto das armadilhas e dos assaltos do diabo, assim como, por outro lado, todos e cada um podem beneficiar-se da companhia fraternal de um Anjo da Guarda. Aqui está a importância de todos termos a este respeito ideias solidamente baseadas na doutrina da fé.

SATANÁS NA NOSSA VIDA QUOTIDIANA

Quando a Liturgia da Igreja, na oração da noite das terças-feiras, exorta com São Pedro à vigilância, à sobriedade e à oração ante o perigo dos assaltos do Adversário, não estará pensando em todos os seus filhos?... Quando o Concílio Vaticano II recorda aos fiéis, com São Paulo, que devem lutar, não tanto contra homens de carne e sangue, mas também contra o poder das trevas, não se dirige também ao conjunto dos filhos da Igreja?

Como é que esses ataques de Satanás têm lugar na vida quotidiana dos cristãos correntes? Estamos perante uma questão importante que vale a pena elucidar. Mas se recorrermos às publicações cristãs (livros, jornais, revistas) que escrevem sobre o diabo, verificaremos com muita frequência, cheios de surpresa, que os autores tratam explicitamente de tudo, exceto deste ponto particular: a ação concreta do diabo na vida comum dos homens. Como acabamos de ver que observa o cardeal Suenens, *"mesmo nos lugares onde se discute sobre a existência do demônio, mal se aborda o tema da sua ação..."*

Com grande alarde de erudição, os teólogos falar-nos-ão dos demônios no Antigo Oriente ou na Antiguidade greco-latina. Descrever-nos-ão o papel dos demônios no pensamento e nos costumes da Idade Média. Por último, exporão a demonologia dos Padres, dos Doutores da Igreja e dos teólogos modernos. Mas esses sábios autores pouco ou nada nos dirão sobre o que mais nos interessa saber como criaturas a caminho do nosso destino eterno: sobre o modo concreto como os demônios influem na nossa conduta diária.

Que importância têm para mim as pesquisas e as especulações da demonologia, se ignoro as verdades reveladas pelo próprio Deus sobre

os ardis desses seres terríveis que rondam continuamente à minha volta para tentarem separar-me do caminho reto e afastar-me de Deus!

É sem dúvida útil falar das diversas ações de Satanás que chegam até à obsessão e à possessão, assim como é salutar dar a conhecer aos fiéis, através da hagiografia, as partidas que os demônios são capazes de pregar aos amigos de Deus como São Francisco de Assis, São Paulo da Cruz, fundador dos passionistas, o santo Cura d'Ars, Dom Bosco e, mais perto de nós, o padre Pio de Pietralcina. Mas é certamente mais útil e salutar que conheçamos também e sobretudo a atitude e os estratagemas de Satanás para com os fiéis comuns.

SÓ DEUS PODE PÔR FREIO A SATANÁS

Pois bem, iluminada pela Revelação e guiada por uma sã filosofia, a Igreja ensina-me que o demônio tem certo poder sobre mim, um poder que - por minha culpa - poderia ser-me fatal. Não pode atingir diretamente a minha inteligência e a minha vontade, faculdades completamente espirituais e unicamente acessíveis a Deus, mas pode, com os seus poderes, afetar os meus sentidos externos, como a vista, o tato, o ouvido, e os meus sentidos internos, como a memória, a fantasia e a imaginação. A não ser por uma intervenção de Deus, nenhum poder humano pode impedir Satanás de atuar, por exemplo sobre a minha vista ou sobre a minha imaginação. Não tanto diretamente, isto é, sugerindo ilusões ou miragens, mas dirigindo o nosso olhar para que se fixe no que não nos convém, em imagens de crueldade, sexualidade crua etc. (N. do E.).

Nenhuma muralha, nenhuma porta blindada, nenhum guarda-costas é capaz de impedir a influência de Satanás sobre a memória ou sobre a fantasia de um homem. Por mais rigorosa que seja a clausura de um Carmelo, não poderá impedir que o demônio atravesse os seus muros - como um som atravessa uma parede - para sugerir à alma de uma freira, através de imagens mundanas, incertezas sobre a sua vocação e obsessivos desejos de abandonar o convento. Por muito atenta que esteja uma mãe de família na sua tarefa educadora, não poderá impedir que o demônio introduza na imaginação de seus filhos sequências com imagens perturbadoras. Por muito alta que seja a autoridade de um sacerdote e por mais que resplandeça a sua santidade, não poderá subtrair-se às incursões hipócritas de Satanás na sua memória e na sua fantasia.

Em resumo - como dizia o santo Cura d'Ars -, não se deve pensar que exista algum lugar na terra onde possamos escapar à guerra que nos faz o demônio através da nossa' imaginação e da nossa memória: *"Encontraremos o demônio por toda a parte, e por toda a parte tentará tirar-nos o céu; mas por toda a parte e sempre poderemos vencer".*

Um mestre espiritual contemporâneo, o padre Joseph Guibert, descreve deste modo a força e ao mesmo tempo os limites do poder do demônio sobre a nossa sensibilidade e a nossa imaginação:

> *"Se os homens só podem alcançar as nossas faculdades da inteligência e da vontade através dos nossos sentidos externos - pela palavra oral ou escrita, ou por sensações diversas: ver, tocar, etc., que despertam na nossa alma imagens e sentimentos -, já os demônios podem atuar diretamente sobre a nossa sensibilidade e a nossa imaginação. Embora jamais possam alcançar diretamente as nossas faculdades espirituais, podem suscitar imagens em nós, agrupá-las, e assim sugerir-nos ideias, excitar movimentos da nossa sensibilidade e, como consequência, da nossa vontade. Por conseguinte, podem o que os homens não podem, pois podem agir imediatamente sobre os nossos sentidos interiores: a nossa imaginação, a nossa sensibilidade e as reações orgânicas mais profundas do nosso corpo. E este será o campo próprio da sua atividade tentadora. Far-nos-ão imaginar relações falsas, provocarão em nós temores vãos, movimentos desordenados etc."*[54]

A MAIOR PARTE DOS MALES PENETRA POR AÍ

Momento decisivo: uma consciência iluminada reconhece as sugestões do diabo e entrevê a sua malícia. A vontade encontra-se então diante de um dilema: aderir ao mal ou afastar-se dele. A vontade opõe-se? É um fracasso para o diabo. Aceita a sugestão malvada? É uma primeira vitória de Satanás. Outras vitórias se seguirão porque, uma vez aceite, a imagem perniciosa estenderá os seus tentáculos mortais como um polvo. Deste modo, a consciência psicológica do homem pode converter-se em palco de um terrível duelo.

São João da Cruz é provavelmente o mestre espiritual que mais sublinhou o caráter dramático da opção que o espírito do homem é chamado a fazer perante os objetos que a imaginação lhe apresenta. Ter o domínio da sensibilidade e, muito especialmente, possuir um controle perfeito da memória imaginativa é guardar "a porta e a entrada da alma"[55]. É pôr em xeque o Maligno.

Com uma perspicácia genial, São João da Cruz descreve o poder dos demónios sobre as nossas faculdades sensíveis e, através delas, sobre o espírito do homem e sobre a sua conduta. Mediante os conhecimentos registrados pela memória e pela imaginação, escreve o Santo, o demônio pode exercer uma grande influência sobre a alma.

> "*O demônio, com efeito, pode acrescentar formas, notícias e discursos, e por meio deles afetar a alma com movimentos de*

soberba, avareza, ira, inveja, etc., instilar ódio injusto, amor estéril, e enganar de muitas maneiras. E, além disso, costuma montar as coisas e assentá-la na fantasia de maneira que as que são falsas pareçam verdadeiras, e as verdadeiras falsas. E, finalmente, a maior parte dos enganos que o demónio arma e dos males que causa à alma entram pelas notícias e discursos da memória" [56].

Lemos bem: "a maior parte dos enganos..., a maior parte dos males..." É o mesmo que dizer que as forças demoníacas se desencadeiam principalmente, não nos poucos seres possuídos por ele e que são objeto virtual dos exorcismos, mas na cabeça e no coração do comum dos homens, para realizarem a sua tarefa de ódio e de mentira. E isto acontece sem que a imensa maioria dos homens e das mulheres, jovens ou menos jovens, cultos ou incultos, sejam conscientes disso. Sobre a superfície da terra, legiões e legiões de demónios estão agindo continuamente sobre a memória e a imaginação dos homens, para os afastar de Deus. Não é isto uma verdadeira guerra, uma guerra de dimensões planetárias, certamente invisível, mas muito real?

"A SUA INFLUÊNCIA EXPANDE-SE COMO UM GÁS DELETÉRIO"

Um teólogo carmelita, Lucien-Marie de Saint Joseph, observa a propósito da demonologia de São João da Cruz:

"O Santo não tem receio de dizer [nas Cautelas] que o demônio causa a ruína de uma grande multidão de religiosos no seu caminho de perfeição. Não, certamente, porque os faça perder-se para sempre, mas porque os impede de perseverar no seu ideal de santidade. Sorria quem quiser: não existe poder humano que se assemelhe ao seu e por isso somente o poder divino é capaz de vencê-lo e somente a luz divina é capaz de descobrir as suas tramas" na imaginação e na memória"[57].

"O diabo - escreve outro autor espiritual, Emilio Bertone - desenvolve as suas energias, para dizê-lo de algum modo, no vestíbulo da alma, na região fronteiriça em que se encontram o espírito e a matéria.

"*Quanto mais indisciplinados forem os sentidos, mais forte será a tendência para o prazer, mais poder terá o orgulho, mais impressionável será a fantasia, mais fácil e mais segura a ação de Satanás"* [58].

Sertillanges dá explicações análogas:

"Ao demónio, basta-lhe entrar na corrente das nossas inclinações, no sorriso das coisas que nos seduzem; basta-lhe apoiar-se naquilo que dá mostras de ceder, opor-se àquilo que tende a subir.

A sua influência expande-se como um gás deletério que se absorve sem perceber"[59].

Compreende-se, por conseguinte, a importância que os santos atribuem à luta ascética: dominar a imaginação, controlar a memória. Estão em jogo a conduta do homem e o seu destino eterno. Um fósforo basta por vezes para fazer arder um bosque. Uma imagem perniciosa pode desviar uma existência inteira para o mal.

Os autores espirituais costumam lembrar-nos que as duas coisas que o demônio procura acima de tudo produzir em nós são a presunção ou o seu contrário, o desespero, que, como nos adverte o próprio Cristo, são pecados contra o Espírito Santo: *Quem não está comigo está contra mim, e o que comigo não recolhe, dispersa. Por isso vos digo: todo o pecado e blasfêmia será perdoado aos homens, porém a blasfêmia contra o Espírito não lhes será perdoada* (Mt 12, 30-31; cfr. Mc 3, 29). Esses pecados contra o Espírito são quase "sem retorno" - não serão perdoados - porque a pessoa que está sob o seu domínio não quer retornar, uma vez que pensa que não pode mais recuperar-se.

No primeiro caso - o da presunção -, o diabo começará por desviar o foco de atenção das realidades concretas e dos pequenos pecados e falhas, claros e evidentes, para os estados interiores, vagos e nebulosos. "Agrave essa característica tão útil da natureza humana que é o horror e o desprezo pelo que é evidente - escreve o experimentado tentador Screwtape ao seu subordinado, nas Cartas do diabo ao seu sobrinho, de C.S. Lewis -. Você deve conduzir [o seu paciente] a um estado em que possa praticar o exame de consciência por uma hora inteira sem perceber nenhum dos fatos acerca de si mesmo que estão perfeitamente claros para quem quer que more sob o mesmo teto com ele ou trabalhe no mesmo escritório" (The Screwtape letters, 44a. impr., Harper Collins, London, 1971, pág. 20). Assim conseguirá que a consciência passe, pouco a pouco, a aceitar sem alarme os pecados mais graves.

Satanás evitará sempre argumentar diretamente com a consciência, porque a dúvida lúcida, que leva a procurar esclarecer a verdade, sempre joga contra ele. Funcionará, como sempre, com meias-verdades, ignorâncias amplas e pouco conscientes, tentando produzir um estado de espírito vagamente confiante, mas profundamente arraigado e pernicioso: "Deus é bom, não me levará a mal um escorregão tão compreensível em matéria do sexto mandamento". Tentará fazer com que todas as preocupações do seu "paciente" girem, não em torno da eternidade nem do presente concreto, mas da ansiedade pelo futuro e da lamentação pelo passado: encorajará sonhos vagos, ambições frustradas, perdas de tempo, autopiedades e vitimismos.

Na mesma linha, procurará evitar que a pessoa reconheça claramente os seus pecados, transformando a sensação genérica de culpa que tem todo

o homem que não se confessa habitualmente ("há algo de errado comigo", "precisaria pensar seriamente na minha vida") numa busca incessante de compensações terrenas. O jogo consiste em fazer o homem buscar a felicidade lá onde ela não está, nos prazeres, na dedicação excessiva e exclusiva ao trabalho, no culto do corpo e da beleza, na autoafirmação e no gosto de mandar, produzir ou criar, ou na ânsia de "sentir-se bem"; assim Satanás consegue fixá-lo num mundanismo sem horizontes sobrenaturais, de forma que, quando chegar ao Inferno, essa sua vítima tenha de reconhecer: "Agora vejo que passei a maior parte da minha vida não fazendo nem o que devia nem aquilo de que gostava" (The Screwtape letters, pág. 65).

Por isso mesmo, o caminho mais seguro para o inferno não são os grandes pecados, que podem produzir grandes arrependimentos, mas esse "caminho gradual - o declive suave, macio para os pés, sem mudanças de direção bruscas, sem placas de quilometragem ou cartazes de orientação" (The Screwtape letters, pág. 65) -, do qual a vítima só se dá conta quando... chega ao final.

Se a pessoa tiver começado a ter algum relacionamento com Deus pela oração e alguma vida sacramental, o demônio procurará aproveitar o desencanto que sempre se produz quando se passa do entusiasmo inicial para a tenacidade do real, essa desilusão que, em todos os setores da vida humana, marca a transição da aspiração sonhadora para a ação custosa: no casamento, no trabalho e também na vida cristã. Neste caso, tentará levá-la a pensar que a tibieza, essa morna tristeza que experimenta, é, afinal de contas, o "normal", e que o ardor dos princípios era apenas "uma fase". "Se você conseguir - escreve Screwtape - levá-lo ao ponto de pensar que «isso de religião é uma coisa muito boa, etc. e tal, mas só até certo ponto», pode alegrar-se com o resultado. Uma religião moderada serve tão bem aos nossos fins como nenhuma religião -e é muito mais divertida para nós" (pág. 51).

Se a tática da presunção e da tibieza não funcionar, o demônio fará uso da tentação inversa, a do desespero. Começará por incutir no "paciente" uma falsa imagem do compromisso cristão, levá-lo-á a imaginar que são necessários grandes atos de heroísmo ou que o objetivo é chegar a um estado impossível de total impecabilidade, sabendo muito bem que a realidade da miséria humana acabará, cedo ou tarde, por desmentir cruelmente essas ilusões. E, inversamente, aumentará na imaginação a gravidade dos pecados cometidos, para levar a pessoa a desconfiar da misericórdia infinita de Deus: "Deus jamais poderá perdoar-me tamanha barbaridade". Em consequência, sublinhará insistentemente como é "difícil" a vida cristã, a desproporção existente entre as nossas forças e a tarefa que Deus nos pede, a impossibilidade de atingir a virtude mesmo com o auxílio de Deus, etc., sempre com a pretensão de

levar o cristão a abandonar a luta. Por isso, o único erro realmente funesto e irreparável que se pode cometer é este: desistir da luta interior.

Quando o desespero ainda não é completo, costuma manifestar-se sob a forma de revolta contra os ideais que se abandonaram: é o ex-marido que clama no bar contra os "desaforos" da ex-esposa, é o ex-frade que se dedica a dar entrevistas na televisão para denegrir a Igreja. Não é preciso ser doutor em psicologia para perceber que isso é um sinal evidente de que a consciência dessas pessoas ainda não está completamente amordaçada e sente uma necessidade urgente de transferir a culpa das próprias fraquezas para os outros.

Muito pior, porém, é o desespero profundo dos cínicos. Com um sorriso entre escarninho e melancólico, de homens "calejados pela vida", querem levar os outros a acreditar que cedo ou tarde "cairão na real" e se farão como eles. Paralisados numa gélida solidão — no Inferno de Dante, o círculo mais profundo não é um oceano de fogo, mas de gelo — universalizam o seu próprio fracasso e pensam que, se eles não conseguiram manter íntegra a fidelidade, ninguém mais conseguirá. E, para prová-lo à sua própria consciência, amontoam argumentos profundamente racionais e lúcidos — com aquela "lucidez peculiar do inferno" — que "provam" que o homem é necessária e intrinsecamente mesquinho, egoísta e odiento, que ninguém pode amar desinteressadamente, que aliás o amor não passa de uma "questão de epidermes". Dedicam-se, com o desapaixonamento e a ironia próprios de quem não consegue mais crer em nada, a destruir todos os ideais nobres que ainda possam aninhar-se no coração dos jovens. E com isso fazem igualmente o jogo de Satanás.

Num artigo sobre a catedral de Chartres publicado há tempos no National Geographic Magazine, espantava-se o autor, que se dizia ateu, de que os escultores medievais não tivessem retratado o demônio como um ser horrendo, revoltado e ameaçador, mas sim imbuído de uma densa tristeza. É uma profunda verdade teológica: para além do ódio e da inveja contra Deus que o leva a agir, Satanás é um ser triste. É inevitável que tenha claríssima consciência de que, em última análise, todos os seus esforços serão baldados; e, pior ainda, de que estragou irremediavelmente, para sempre, o belíssimo plano de exultante louvor, amor ardente e triunfante contemplação para o qual Deus o tinha criado. Assim são também os seus seguidores, e é por isso que a Igreja nos previne muito seriamente para não darmos margem nunca à presunção e ao desespero, os pecados que mais intimamente poderiam associar-nos ao espírito do mal (N. do E.).

COMO UM CÃO PRESO POR UMA CORRENTE

O episódio tem por cenário umas águas-furtadas habitadas por um estudante em Paris, na rua Vaugirard, não longe do Institut Catholique. São nove da noite. O estudante, Antoine X., está absorvido numa leitura apaixonante: O mundo invisível. Esse livro, de 532 páginas, trata dos anjos e dos demônios, da telepatia e da telestesia, do espiritismo, da bruxaria e dos exorcismos. Publicado em 1931, o autor da obra é um teólogo francês, o cardeal Alexis Lépicier (1863-1936). Bruscamente, Antoine fecha o livro, tomado de um terror súbito. A leitura o transtornou. Revelou-lhe a existência do mundo demoníaco. Descobre que Satanás tem um poder inaudito sobre o mundo material e acha que pode manipulá-lo a seu bel-prazer. Descobre igualmente o seu extraordinário poder sobre as faculdades do homem e reflete sobre os dramáticos episódios ocorridos na vida dos santos. Vem-lhe uma ideia à cabeça: "Se Satanás penetrasse agora nestas minhas águas-furtadas, e me espancasse e me jogasse por terra..., que faria eu? Como me defenderia? A quem pediria ajuda?"

O medo confunde, pode paralisar as faculdades. Antoine levanta-se de um salto, apanha a sua gabardine e precipita-se para a porta de saída: "Ao menos — diz de si para si —, se o diabo me atacar na rua, não estarei sozinho... Sim! Saiamos! Saiamos!"

Mas, nesse mesmo instante, ocorre-lhe uma ideia, sugerida sem dúvida pelo seu Anjo da Guarda: "E se, antes de sair, acabasse a leitura do capítulo sobre o poder dos demônios...?"

NUNCA SEM LUZ VERDE

Antoine pendurou de novo a sua gabardine no cabide e voltou ao livro... Ficou sabendo então que, por maior que seja, o poder dos demônios está submetido à permissão de Deus. Satanás, o príncipe deste mundo, não pode fazer nenhum mal sem a "luz verde" de Deus, o Rei dos séculos. Possui, sem dúvida, um grande poder, mas um poder controlado por uma potência infinitamente maior. O nosso estudante acabou o dia lendo essas verdades libertadoras. Inicialmente traumatizado pela descoberta da capacidade inaudita de Satanás, recuperou imediatamente a paz mediante a fé na onipotência de Deus. Já calmo, adormeceu. A palavra de Deus que nos revela uma verdade tão fundamental é, com efeito, tranquilizadora.

Deus controla as atividades do demônio, domina-o e utiliza-o para os seus próprios fins, porque o seu poder, como diz o Catecismo da Igreja Católica, "não é infinito. Satanás não é senão uma criatura, poderosa pelo fato de ser espírito puro, mas sempre criatura: não pode impedir a

edificação do Reino de Deus. Ainda que atue no mundo por ódio contra Deus e o seu reinado em Jesus Cristo, e ainda que a sua ação cause grandes males — de natureza espiritual e, indiretamente, também de natureza física — a cada homem e à sociedade, essa ação é permitida pela divina Providência, que dirige com força e suavidade a história do homem e do mundo" (n. 395).

Assim, desde os primeiros capítulos do Livro de Já, vemos Satanás - irritado com a santidade desse homem íntegro e reto que temia a Deus e se guardava do mal - fazer "diligências" diante do Altíssimo a fim de obter autorização para tentar esse justo.

Faz até diligências por partes. A primeira, para ser autorizado a atingir Jób nos seus bens. Todos os seus bens passam a estar sob o teu poder (Já 1, 12), diz-lhe Deus. E a segunda para obter permissão para pôr à prova a santidade de Jó. Dispõe dele, mas respeita-lhe a vida (Jó 2, 6), responde-lhe Deus.

É significativo que Deus estabeleça cuidadosamente os limites dos poderes que concede a Satanás. Não lhe dá uma luz verde" incondicional. Assim como o Criador põe limites ao fluxo do mar enfurecido - Não irás mais longe [..], aqui se quebrará ❑ orgulho das tuas ondas (Já 38, 11) -, do mesmo modo impõe limites ao ódio e à inveja de Satanás.

O Evangelho de São Mateus revela-nos que os demônios têm necessidade de "luz verde" mesmo para uma operação sem maiores consequências, ainda que insólita, como entrar num rebanho de porcos que pastam na terra dos gerasenos.

> *Havia a uma certa distância um grande rebanho de porcos que pastava. E os demónios suplicaram a Jesus: "Se nos expulsas, envia-nos a esse rebanho de porcos". "Ide", disse-lhes Jesus. Saíram então e foram para os porcos, e eis que, do alto da escarpa, todo o rebanho se precipitou no mar, onde se afogou* (Mt 8, 30-32).

O relato da Paixão apresenta-nos um exemplo dramático dos limites impostos por Deus ao poder do diabo sobre os Apóstolos. Satanás tinha pedido a Deus que o deixasse pôr à prova os Apóstolos, sacudindo-os como o agricultor sacode o trigo. O Senhor só aceita esse pedido em parte. Como explica Garrigou-Lagrange,

> *"o Senhor permitiu a Satanás que joeirasse os Apóstolos como se joeira o trigo, mas pôs um limite. Quem Satanás desejava sobretudo fazer cair era Pedro, o chefe dos Apóstolos. Jesus conhecia o perigo que ameaçava Pedro. Não quis preservá-lo completamente, mas com a sua oração protegeu-lhe a fé: a do*

> *Apóstolo, portanto, não desfalecerá, e, quando se recuperar da sua conduta errônea, caber-lhe-á confirmar os seus irmãos".*

Garrigou-Lagrange cita a profunda observação de uma exegeta protestante:

> *"Preservando Pedro, cuja ruína teria arrastado os demais Apóstolos, Jesus preservou-os a todos"). É assim que Deus, Senhor da História, sabe utilizar a malícia de Satanás para a construção da Igreja".*

São Tomás de Aquino insiste muito neste ponto: o diabo não pode tentar os homens tanto quanto deseja; só pode atormentá-los na medida em que Deus o permite. Nem mais, nem menos! [61]

O relato da Paixão apresenta outro exemplo da submissão do demônio às disposições da Providência. Depois de ter dito que, na Última Ceia, Satanás tinha entrado em Judas, São João cita estas palavras de Jesus ao traidor: *O que tens a fazer, faze-o depressa*! (Jo 13, 27).

Pode-se expressar mais explicitamente o controle de Deus sobre as maquinações de Satanás presente em Judas? É verdade, como explicam os exegetas, que as palavras de Jesus não equivaleram a uma ordem. Também não eram um estímulo à traição. Expressavam simplesmente, numa linguajem rigorosa, uma autorização.

Se Deus não tivesse sob seu controle os demônios - afirma Santo Agostinho numa homilia -, não restariam justos sobre a terra. Com efeito, se pudessem dar plenamente curso ao seu ódio por Deus e pelos homens, Satanás e os seus anjos destruiriam tudo o que serve para a glória de Deus.

PODE LADRAR, MAS NÃO MORDER

> São Paulo assegura-nos: *Deus não permitirá que sejais tentados além do vosso poder de resistência, mas, junto com a tentação, dar-vos-á os meios para suportá-la e a força para vencê-la* (1 Cor 10, 13).

Existem dois movimentos na raiz das tentações do diabo: o amor de Deus pelos homens e a odienta inveja de Satanás. Deus permite a tentação por amor, para dar à criatura humana a oportunidade de elevar-se até Ele por atos de virtude; o demônio desencadeia a tentação por ódio, para fazer cair o homem. Deus oferece ao homem uma ocasião de subir e Satanás utiliza essa mesma ocasião para fazê-lo cair. Assim, por uma misteriosa ordem de Deus, sem o saber, sem o querer, contra a sua vontade e contra as inclinações de todo o seu ser, Satanás contribui indiretamente, mas realmente para a expansão do reino de Deus sobre

a terra. Não é esta, aliás, a razão da sua presença entre os homens até o Juízo final, antes de ser precipitado nas profundezas do inferno?"[62]

O estudante Antoine, da rua Vaugirard, compreendeu claramente que Deus controla e utiliza para os seus fins. as atividades de Satanás, e essa verdade o tranquilizou. Por que tremer diante do poder de Satanás? Por que adiar a nossa conversão, uma confissão sincera aos pés do sacerdote, pelo receio de reincidir? O diabo nunca corre solto, como um cão raivoso que tivesse quebrado a corrente. Deus o tem sempre atado, dia e noite.

A um sacerdote da Missão, a quem Satanás tinha razões para odiar, São Vicente de Paulo escrevia: "O diabo pode ladrar, mas não pode morder; pode atemorizar-vos, mas não vos pode fazer mal. Isto eu vo-lo garanto diante de Deus, na presença de quem vos falo"[63].

Também Santa Teresa de Lisieux se servia dessa imagem para mostrar os limites do poder de Satanás: comparava o demônio a um grande cão malvado que nada pode contra uma criancinha subida aos ombros de seu pai.

A este respeito, pode ser útil recordar mais uma vez as seguintes verdades: A primeira é que o poder do demônio, embora grande, não é absoluto: nunca, nem sequer nos casos de possessão, como vimos, ele tem acesso direto às potências propriamente espirituais do ser humano, isto é, à inteligência e à vontade. Ou seja, não pode nunca, em nenhuma hipótese, obrigar-nos a pecar. Só há pecado quando há consentimento da vontade, isto é, quando o "eu" decide ceder à tentação. Nada, nem a duração nem a intensidade de uma tentação, pode causar diretamente - nem, por outro lado, "autorizar" ou desculpar - o consentimento.

A segunda é que é essencial saber que sentir não é consentir. As imagens podem ser muito fortes ou vívidas, e as emoções encontrarem-se num estado de tumulto intenso, que não há pecado enquanto a vontade não disser "sim". E isso sempre se sabe no recôndito da consciência (N. do E.).

CRISTO, VENCEDOR DE SATANÁS

O fulcro da história da salvação e ao mesmo tempo o núcleo central do cristianismo é que "Deus - como afirma o Concílio Vaticano II - decidiu entrar na história humana de um modo novo e definitivo, enviando o seu Filho na nossa carne, a fim de por Ele arrancar os homens ao poder das trevas e de Satanás (cfr. Col 1, 13; At 10, 38) e nEle reconciliar consigo o mundo"[64].

Escutemos São Tomás de Aquino. Deus - diz ele -permite que o demônio tente certa pessoa, em determinado tempo e lugar, segundo o desígnio oculto dos seus juízos. Sempre, no entanto, graças à Paixão de Cristo, os homens dispõem de um remédio para se protegerem das insídias do demônio e, se alguns são negligentes em empregar este remédio, isso não diminui em nada a eficácia da Paixão de Cristo"[65].

Servindo-nos de uma comparação, poderíamos imaginar que uma equipe de sábios descobre um medicamento eficaz contra todas as formas de câncer. Poderiam esses sábios afirmar que a sua descoberta libertou a humanidade para sempre desse flagelo? Sim e não. Sim, porque a descoberta oferece a todos os cancerosos a possibilidade de se livrarem do seu mal. Não, porque, de fato, inúmeros pacientes não se beneficiarão dessa descoberta, quer por não terem tido notícia do novo medicamento, quer por não disporem dos recursos necessários para adquiri-lo.

O mesmo acontece com a graça, esse remédio soberanamente eficaz oferecido aos homens pela Paixão de Cristo. "Pela sua Paixão - explica-nos o Catecismo da Igreja Católica - Cristo libertou-nos de Satanás e do pecado. Mereceu-nos a vida nova no Espírito Santo. A sua graça restaura em nós aquilo que o pecado tinha deteriorado" (n. 1708). A graça está aí, à disposição de todos os homens, mas de fato nem todos se beneficiam dela, quer porque a desconhecem, quer porque não cuidam de aproveitá-la.

Uns excursionistas que exploram uma região montanhosa desconhecida podem morrer de sede a uma centena de metros de uma fonte. A fonte existe, mas eles não o sabem. Pode-se atribuir à fonte o seu trágico fim? Não seria mais correto atribuí-lo à sua inexperiência? A palavra de Deus afirma: Cristo oferece a todos os homens, sem contrapartida, por puro amor, a torrente da sua graça, poderoso antídoto contra Satanás. ó vós todos, que estais sedentos, vinde às águas; ainda que não tenhais dinheiro, vinde! (Is 55, 1). Mas quantos não há que desconhecem a fonte... e correm o risco de perder a vida!

Aquele a quem Cristo chama o inimigo faz tudo o que está ao seu alcance para afastar o homem dessa fonte e separá-lo da graça de Deus. Ao homem, porém, após a Encarnação do Verbo - do Deus que se humanou para estar ao nosso lado e lutar por nós e connosco -, cabe-lhe ir ao encontro dessa fonte sem admitir a "fatalidade" da ação diabólica, porque ela é tudo menos fatal.

SOMOS MAIS FORTES

Algumas semanas depois do clamoroso discurso do Papa Paulo VI sobre a ação do demônio no mundo contemporâneo e na Igreja, L'Osservatore Romano publicou uma seleção de artigos sobre demonologia (17 de dezembro de 1972). Um dos colaboradores, o professor Seattle, resumia assim o seu pensamento:

> *"Se, pela sua astúcia e poder, o demônio supera os limites da natureza humana, não pode vencer Cristo, nosso irmão e nosso Senhor. E também não nos pode vencer, na medida em que estivermos unidos a Cristo".*

Os mestres espirituais insistem neste ponto: inferiores ao demônio, se contamos só com as nossas forças naturais, somos decididamente mais fortes do que ele, se estamos unidos a Cristo. São João da Cruz afirma que "o demônio teme a alma que está unida a Deus tanto quanto teme o próprio Deus"[68].

Por sua vez, Santa Teresa de Ávila confessava que, unida a Deus, não temia o demônio mais do que temia uma mosca ou uma formiga.[67]

Vemos assim que São Pedro nos apresenta o demônio como um leão que ruge e Santa Teresa como uma mosca inofensiva. Contradição? Evolução do pensamento cristão que, com o progresso da ciência, desmitificaria o diabo e se despediria dele, segundo o título de um folheto (Abs-chied vom Teufel), cujo autor, aliás, foi objeto de uma advertência da Santa Sé?

Não, não há contradição. Trata-se de dois aspectos complementares. Com o diabo, acontece o mesmo que com o gigante Golias. Conforme fossem olhados pelos olhos dos israelitas, apavorados com a sua estatura, ou pelos olhos do jovem Davi, que confiava no Deus de Israel, o gigante aparecia como um leão sanguinário ou como uma mosca inofensiva.

ESTÁ EM JOGO O NOSSO DESTINO

De qualquer modo, existe uma questão muito importante para os cristãos comuns como nós: como precaver-nos contra as insídias e as astúcias do diabo cuja presença ameaçadora é afirmada por São Pedro? Porque, ao fim e ao cabo, o que nos interessa não são as especulações e as hipóteses dos demonólogos, mas o conhecimento das nossas possibilidades concretas de defesa. Estão em jogo tanto as nossas relações com Deus e com os homens como o nosso destino eterno.

No seu estudo sobre a demonologia de São João da Cruz, o padre Nilo sublinha que *"é preciso reservar a melhor parte das nossas energias e das nossas preocupações para as realidades que causam diretamente*

a nossa santificação: o amor paternal e misericordioso do Senhor; a nossa união com Cristo Cabeça e Mediador; a ação do Espírito Santo pela graça; as virtudes e os dons; a inabitação da Trindade na alma dos justos; a intervenção da Mãe de Deus na aplicação dos frutos da Redenção; a proteção dos anjos e a intervenção dos santos"[68].

Tudo o que robustece a nossa vida espiritual — oração, sacramentos e sacramentais, luta ascética, meditação e contemplação, trabalho exercido com espírito de fé e de amor —, todos esses meios contribuem para reforçar as nossas estruturas espirituais e, portanto, para proteger-nos dos ataques e ciladas de Satanás. [69]

São Tomás de Aquino sublinha especialmente o papel da Eucaristia e, com São João Crisóstomo, observa que *"quando voltamos da Santa Mesa, somos como leões que expelem fogo, temíveis para os demônios"*[70]. E por que razão nos tornamos temíveis? Porque *"então trazemos em nós Cristo, vencedor de Satanás"*, comenta Garrigou-Lagrange.

A "ARMA" MAIS TEMÍVEL

Numa linguagem de fogo, São Luís Maria Grignion de Montfort descreve o poder extraordinário de Maria sobre às demônios: "Maria é o inimigo mais terrível que Deus fez contra o demônio [...] Desde o Paraíso terrestre, embora então só estivesse na sua mente, Ele incutiu na nossa Mãe tanto ódio contra esse maldito inimigo de Deus, tanta habilidade para descobrir a malícia dessa antiga serpente, tanta força para vencer, derrubar e destruir esse orgulhoso ímpio, que o demônio a teme não só mais do que teme todos os anjos e homens juntos, mas, em certo sentido, mais do que teme o próprio Deus.

"E isto não porque {...] o poder de Deus não seja infinitamente maior que o da Santíssima Virgem — já que as perfeições de Maria são limitadas —, mas, primeiro, porque, como Satanás é orgulhoso, sofre infinitamente mais sendo vencido e castigado por uma pequena e humilde serva de Deus: a sua humildade humilha-se mais do que o poder divino; segundo, porque Deus deu a Maria um poder tão grande contra os diabos que estes temem mais [...] um dos seus suspiros por uma alma do que as orações de todos os santos, e uma das suas ameaças do que todos os demais tormentos".[71]

Nossa Senhora é, segundo uma antiga interpretação de diversos Padres da Igreja, a Mulher de que falam o Gênesis e o Apocalipse. Lemos no Apocalipse: *um grande sinal apareceu no céu: uma Mulher vestida de sol, a lua debaixo dos seus pés e, sobre a sua cabeça, uma coroa de doze estrelas. Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz* (Apoc 12, 5).

"Ninguém ignora — diz o Papa São Pio X — que essa Mulher representa a Virgem Maria, que deu à luz - sem perda da sua integridade — a nossa Cabeça [...].

É claro que o Apóstolo São João se refere também ao nosso nascimento, pois essas dores da parturiente indicam o fervor e o amor com que a Virgem, na sua sede celestial, vigia e aspira com oração incessante para que se cumpra o número dos eleitos" (Enc. Ad Deus illum, 15). Ela é a mesma que, encontrando-se no fim da história da salvação, está já representada — no dizer de João Paulo II — na primeira página da Bíblia e da qual se afirma que esmagará a cabeça da serpente (Gên 3, 15).

Maria, dada por Cristo agonizante a todos os homens como Mãe de cada um, não pode deixar de velar por esses novos filhos, gerados por Ela no meio das dores do Calvário, e dos quais cuida com o desvelo com que toda a mãe boa cuida de cada um dos seus filhos. “A Maria não lhe falta nem o poder nem a vontade de salvar-nos", diz São Bernardo (Sermo in Assumptionem, 1): o poder, porque é impossível que a Mãe de Deus não seja ouvida por Ele; e a vontade, porque é nossa Mãe, mais ainda do que todas as mães da terra juntas, pois nos gerou para a vida do espírito e para o nosso destino eterno.

Santo Afonso Maria de Ligório recolhe no seu livro As glórias de Maria (cap. V) o episódio de um homem devotíssimo de Nossa Senhora que, assaltado por tentações impuras, ouviu interiormente na oração uma voz que lhe dizia: "Abandona essa tua devoção a Maria, e eu cessarei de tentar-te". Todas as práticas de devoção à Virgem Maria — o Rosário, a oração "Lembrai-vos", etc. —, quando praticadas com confiança filial e vontade eficaz de refugiar-se sob o amparo daquela que é Mãe de Deus e Mãe nossa, trazem consigo a sua proteção maternal contra as ciladas do Maligno.

Mas há uma prática muito arraigada e que goza de inúmeras bênçãos dos Pontífices (cfr. Josemaría Escrivá, Caminho, 9a. ed., Quadrante, São Paulo, 1999, n. 500): o uso do escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Há mil provas de que essa prática ajuda a vencer as dificuldades e tentações do demônio. "Eu devo muito — dizia o Papa João Paulo II —, nos anos da minha juventude, ao escapulário carmelitano", que é espiritualmente como uma roupa com que toda a mãe cuida de vestir os seus filhos pequenos. "Nossa Senhora do Carmo – continuava o Papa -, Mãe do santo escapulário, fala-nos desse cuidado maternal, dessa sua preocupação por vestir-nos [...1, por vestir-nos com a graça de Deus e por ajudar-nos a conservar essa roupa sempre limpa" (Alocução, 15-1-1989).

Para os que nEla confiam, Maria esmagará a cabeça da serpente sempre que se vejam tentados (N. do E.).

ESSES TRANSMISSORES DA GRAÇA

O padre Marie-Eugène do Menino Jesus põe de relevo a força dos sacramentais para deter os ataques do demônio. Observa ele que, dentre os sacramentais, Santa Teresa de Jesus utilizava particularmente a água benta, como o confirma a própria reformadora do Carmelo:

"De muito fatos tirei a experiência de que não há coisa de que mais fujam os demónios, para não voltar. Grande deve ser a virtude da água benta; para mim, é particular e muito notória a consolação que experimenta a minha alma quando a tomo. É muito comum sentir um recreio espiritual que não saberia exprimir; é como que um deleite interior que me conforta toda a alma. Isto não é imaginação nem coisa que me tenha acontecido só uma vez: aconteceu-me muitíssimas vezes, e tenho-o verificado com grande advertência".[72]

A seguir, a santa conta como, certa vez, depois de ter sido cruelmente atormentada pelo diabo, conseguiu finalmente libertar-se: "Como o tormento não cessava, disse às que me rodeavam: *"Se não se rissem, pediria água benta». Trouxeram-na e aspergiram-me com ela, mas sem resultado. Tomei-a eu e lancei-a para o lugar onde estava o demônio, e imediatamente fugiu, e desapareceu-me todo o mal, como se mo tivessem tirado com a mão. Apenas fiquei cansada, como se me tivessem dado muitas pauladas".*[73]

"Compreende-se, portanto - acrescenta o pe. Marie-Eugène -, o depoimento da venerável Ana de Jesus, secretária da Santa Teresa, no processo de beatificação: *«A Santa não empreendia nunca uma viagem sem levar consigo água benta. Sofria muito se se esquecia. Por isso, todas nós levávamos um pequeno frasco de água benta pendurado da cintura e ela queria levar o seu»"*[74]. É que a reformadora do Carmelo conhecia por experiência o poder de Satanás!

Haverá quem sorria diante deste costume de uma mulher extraordinária, elevada pelo Papa Paulo VI à dignidade de Doutora da Igreja universal, mas os seus conselhos são válidos também para o homem de hoje.

UM EXPEDIENTE RADICAL

São João da Cruz propõe um expediente radical contra a influência de Satanás na nossa imaginação: em vez de discutir com o Tentador, convém elevar imediatamente o nosso espírito a Deus por um ato de fé ou de amor. É o que os santos chamam um ato "anagógico". Quando unimos os nossos afetos a Deus, acontece que a alma deixa as coisas da terra, apresenta-se diante de Deus e une-se a Ele. A tentação do inimigo fica assim frustrada e derrotada. A ideia de praticar o mal fica sem objeto. Nesse momento, o diabo já não pode alcançar nem ferir a alma,

porque ela já não se encontra no lugar em que ele a esperava para acorrentá-la pelo jogo das imagens”[75].

Acrescente-se que, desta forma, fazemos um ato duplamente meritório: por um lado, porque resistimos à tentação; por outro, porque realizamos um ato de amor a Deus.

Não é difícil imaginar o "desânimo" do inimigo se, a cada tentação que nos apresente, somos rápidos e enérgicos em lançar-nos nos braços de Deus, como uma criança que corre para o seu pai diante de qualquer perigo que a ameace. Esse gesto interior, fruto do amor e de uma ilimitada confiança, costuma ser muito mais eficaz do que embaraçar-se em raciocínios complicados e nervosos para neutralizar as ciladas e argumentações do maligno, que aliás pode contra-argumentar com redobrada astúcia. Esse refugiar-se "automaticamente" nos braços de Deus - ou, como víamos, no regaço de Santa Maria -, além de cumular-nos de paz, faz-nos crescer em virtude.

Daí o conselho experiente: "Não tenhas a covardia de ser «valente»; foge!" (Caminho, n. 132). Fugir desse modo, para o abrigo seguro de Deus-Pai, é o modo mais positivo de atenuar a violência dos ataques e, mesmo, de fazê-los desaparecer pela graça divina que assim nos fortalece na fé e na esperança (N. do E.).

HUMILDADE E ALEGRIA, ANTÍDOTOS SOBERANOS

Os santos experimentaram com frequência que Satanás sabe disfarçar-se de acordo com as circunstâncias. Penso no padre Marie-Eugène que acabo de citar, santo religioso carmelita (1894-1966) que conheci muito bem. A sua causa de canonização já foi iniciada. Profundo conhecedor de Santa Teresa do Menino Jesus, falava dela com ardor. Certo dia em que, sendo um jovem religioso, pregava um retiro num Carmelo da França, foram avisá-lo de que uma freira desejava conversar com ele no locutório. Dirigiu-se para lá e deu com uma religiosa cujo rosto se assemelhava extraordinariamente ao de Teresa de Lisieux.

"Começou a falar-me - confidenciou mais tarde o padre Marie-Eugène - e dirigiu-me toda a espécie de amabilidades". Felicitou-o pela sua pregação, assegurou-lhe que chegaria a ser um grande pregador, etc. Quanto mais a religiosa falava, mais desgostado se sentia o padre, que começou a suspeitar do espírito que animava a sua estranha visitante. Para ter o coração em paz, perguntou-lhe: "Irmã, permita-me que lhe faça uma pergunta: o que é a humildade?" Ao ouvir essas palavras, a religiosa desapareceu como por encanto. O padre Marie-Eugène reconheceu na visitante o demônio, porque - afirmava - "o demônio não é capaz de resistir à humildade". Satanás tinha tomado a forma da

pequena Santa de Lisieux para enganar mais facilmente o padre e fazê-lo cair no pecado de orgulho.

Também São Francisco de Assis sofreu muito por causa dos demônios. Como registra Tomás de Celano, seu primeiro biógrafo, o Poverello recomendava a humildade e a alegria espiritual como antídoto contra o poder do diabo. Afirmava o Santo que a letizia spirituale é o remédio mais seguro contra as mil astúcias e ciladas do inimigo. Com efeito, dizia: "O diabo exulta sobretudo quando pode roubar aos servidores de Deus a alegria do espírito" (cfr. também Gál 5, 22). O demônio esforça-se por lançar pó nas dobras da consciência e assim sujar a candura do espírito e a pureza da vida. Mas - prosseguia o biógrafo, comentando a doutrina de São Francisco -, se o coração estiver repleto da alegria do espírito, em vão a serpente tentará injetar nele o seu veneno mortal. Os demônios não podem causar mal algum ao servidor de Cristo se o vêm santamente alegre. Já quando o espírito se encontra num estado melancólico, desolado e dolente, deixa-se facilmente esmagar pela tristeza ou conduzir para as coisas frívolas.

São Francisco - acrescenta Tomás de Celano - *esforçava-se por permanecer sempre alegre e conservar a unção da alegria. Evitava com grande cuidado a melancolia, que ele denominava o pior de todos os males. Logo que notava algum sintoma de tristeza, recorria sem demoras à oração para não dar cabida a Satanás".*[73]

São Tomás de Aquino diz que existem três meios que nos ajudam a repelir os assaltos de Satanás: a alegria espiritual, a oração ardente e o trabalho realizado com espírito de fé: *"A alegria espiritual arma o homem contra Satanás; o louvor de Deus é uma força que contribui muito para repelir o diabo; o trabalho bem feito elimina o ócio, terreno propício para a ação dos demônios"*[74].

Na luta contra Satanás, não é interessante verificar a grande importância que dois gigantes da santidade, tão diferentes, um do outro como São Francisco de Assis e São Tomás de Aquino, atribuem à alegria espiritual? No entanto, pensando bem, não é de estranhar essa convergência. Não é verdade que os santos, todos os santos, são movidos pelo mesmo Espírito, fonte inesgotável de profunda alegria? Uma alegria que só a humildade, a sinceridade e a obediência nos podem assegurar, com a graça de Deus.

É a humildade que nos previne, sobretudo, contra a presunção e o desespero. Ajuda-nos a formar uma ideia clara e ao mesmo tempo muito simples e honesta acerca de quem nós somos - um nada, pequenas criaturas sem grande importância, um tanto tolas, outro tanto ridículas - e de quem Deus é: o nosso Criador infinitamente sábio e poderoso, que nos ama com um amor eterno, disposto a ir até às últimas consequências, capaz até de dar a vida por nós. Lança assim uma luz

muito clara sobre a nossa situação diante dEle: não há nada que possamos ocultar-lhe nem há nada que precisemos provar-lhe. Basta que lhe peçamos perdão pelas nossas faltas e pecados mil vezes repetidos e que nos deixemos amar por Ele. O Bem-aventurado Jose-María Escrivá, com singela humildade, definia-se assim: "um pecador que ama loucamente a Jesus Cristo" (Andrés Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei, Quadrante, São Paulo, 1989, pág. 475).

A humildade traduzir-se-á em oração, numa oração confiada e filial, descomplicada. São Bernardo recomendava aos seus monges de tendência mais intelectual que se pusessem de joelhos e rezassem o terço sempre que se sentissem inclinados a envaidecer-se com as suas realizações. Rezando, e rezando muito, dar-nos-emos conta de que não podemos nada sem a ajuda de Deus, nem resistir à mais trivial tentação, nem levar a bom termo qualquer trabalho ou projeto.

Mas a humildade, precisamente porque nos fará desconfiar do nosso próprio critério nas matérias relacionadas com a vida interior, levar-nos-á também a recorrer à confissão frequente e a buscar um bom diretor espiritual. *"Ninguém é bom juiz em causa própria", diz o provérbio, e se isto se aplica com toda a verdade às realidades mais comezinhas, muito mais importante ainda é na vida espiritual. "Tu - pensas - tens muita personalidade: os teus estudos (teus trabalhos de pesquisa, tuas publicações), a tua posição social (teus antepassados), as tuas atuações políticas (os cargos que ocupas), o teu patrimônio..., a tua idade - não és mais uma criança... Precisamente por tudo isso necessitas, mais do que outros, de um Diretor para a tua alma"* (Caminho, n. 63).

Confiar-nos sinceramente a um diretor espiritual ajuda-nos a ganhar sinceridade diante de nós mesmos e de Deus, a reconhecer as nossas falhas sem desanimar e sem procurar "retocá-las" com hipocrisia. Repõe as coisas na perspetiva correta, que é justamente a da humildade. E vai, pouco a pouco, formando a nossa consciência, para que julgue segundo os critérios de Deus, não os dos homens... nem os do diabo.

Por isso mesmo é essencial a sinceridade plena na direção espiritual. O bem-aventurado José María Escrivá prevenia especialmente contra a tentação do demônio mudo (cfr. Caminho, n. 236), isto é, a tentação claramente demoníaca de ocultar alguma coisa precisamente a quem representa o canal mais palpável de que podemos dispor para conhecer a vontade de Deus a nosso respeito. Por sinal, é curioso constatar quanto nos custa confessar, mais do que os pecados grandes, claros e patentes, uns pensamentos tolos ou uma mesquinhez sem maior transcendência de momento. Como dizia o poeta Fernando Pessoa: *"Quem me dera ouvir de alguém a voz humana / que confessasse não um pecado, mas uma infâmia", uma pequena vergonha* (Poema em linha reta).

Por fim, a virtude que atalha mais diretamente a influência de Satanás é a **obediência**, uma vez que essa virtude nos insere nos planos de Deus e nos permite conhecer com clareza e secundar com eficácia a sua Vontade concreta para nós. Para o cristão leigo, é a obediência cuidadosa aos ensinamentos do Magistério da Igreja, por exemplo em matéria de anticoncecionais, esterilização voluntária e sexualidade; seria uma pena muito grande - e não está nem de longe fora de cogitação - se Deus tivesse previsto, por exemplo, que o terceiro ou o quarto filho de determinado casal deveria vir a ser um grande santo, e que esses pais resolvessem "parar no segundo"...

A segurança que essas virtudes nos conferem permitir-nos-á rir com toda a paz das ciladas do demônio. E "o diabo, espírito orgulhoso por excelência, não suporta que riamos dele", dizia São Thomas More. Razão a mais para fazê-lo (N. do E.).

AS VITÓRIAS DOS SANTOS E OS SEUS FRUTOS

O Papa São Gregório Magno deixou-nos nos seus Diálogos o relato de uma violenta tentação de São Bento. Teve lugar no Monte Subíaco, numa gruta conhecida hoje pelo nome de Sacro Speco (Santa Gruta), lugar de frequente peregrinação.

"Um dia, enquanto estava só, o Tentador assaltou-o. Um pequeno pássaro negro, vulgarmente conhecido por melro, pôs-se a dar voltas em torno da sua cara e a pousar tão inoportunamente sobre o seu rosto que teria podido apanhá-lo com a mão se tivesse querido. Mas São Bento fez o sinal da cruz e o pássaro desapareceu. No entanto, quando o pássaro se foi embora, sobreveio-lhe uma tentação carnal tão forte como nunca antes tinha experimentado”.

"Numa ocasião anterior, tinha visto uma mulher, e o espírito maligno voltou a pô-la diante dos olhos da sua alma e iluminou-a com tal intensidade que o espírito do servidor de Deus mal conseguiu reter no coração a chama do amor; vencido pela sensualidade, praticamente decidiu abandonar a vida eremítica. Mas, de repente, visitado pela graça de Deus, caiu em si. E ao ver uma densa mata de urtigas e cardos que havia crescido nas proximidades, despojou-se das vestes e atirou-se despido nesse matagal de espinhos agudos e de urtigas. Revolveu-se nele durante longo tempo e, quando saiu, tinha todo o corpo ferido. Mas, graças a essas feridas da pele, tinha expulsado do seu coração a ferida da alma, porque tinha transformado a sensualidade em dor. Infligindo a si próprio esse castigo, tinha-se queimado virtuosamente

por fora, mas desse modo tinha extinguido a chama que o consumia por dentro".

São Gregório acrescenta: "A partir desse momento, como ele mesmo assegurou aos seus discípulos, dominou de tal modo a tentação da sensualidade que nunca mais lhe aconteceu nada parecido"[78]. Foi assim que o pai do monaquismo ocidental, violentamente tentado pelo diabo, conseguiu a vitória por um gesto heroico de ascese.

O santo Papa sublinha que essa vitória sobre Satanás valeu a São Bento um acréscimo de influência espiritual: muitos homens, abandonando as vaidades do mundo, ingressaram na escola da ermida de Subíaco.

Uma pergunta: teríamos nós tido a Ordem dos beneditinos e todas as famílias religiosas que procederam desse tronco, se São Bento, nessa hora fatídica da sua vida, não tivesse sabido resistir heroicamente ao Tentador?

"O DEMÔNIO INSPIRAVA-ME"...

Uma jovem freira francesa sofreu também, em 7 de setembro de 1890, no Carmelo de Lisieux, na véspera da sua profissão, uma tentação cheia de repercussões na sua vida e mesmo no desenvolvimento da Igreja universal.

"Formou-se na minha alma uma tempestade como nunca antes tinha experimentado — escreve Santa Teresa do Menino Jesus na História de uma alma —. Nunca tinha tido uma só dúvida sobre a minha vocação, mas era necessário que passasse por esta prova. À noite, fazendo a minha Via-Sacra depois das matinas, a minha vocação pareceu-me um sonho, uma quimera [...]. A vida do Car melo parecia-me belíssima, mas o demônio inspirava-me a certeza de que não era para mim, que eu enganava as superioras avançando por um caminho a que não tinha sido chamada [...]. As minhas trevas eram tão grandes que não via nem compreendia senão uma só coisa: não tinha vocação!

"Ah! Como descrever a angústia da minha alma? [...] Tinha a impressão de que, se comunicasse os meus temores à minha mestra (coisa absurda, que mostra como essa tentação era do demônio), ela me impediria de pronunciar os meus santos votos. No entanto, queria fazer a vontade de Deus e voltar ao mundo antes do que ficar no Camelo fazendo a minha. Procurei, portanto, a minha mestra e, cheia de confusão, confidenciei-lhe o estado da minha alma [...]. Felizmente, ela viu o que se passava com mais clareza que eu e deu-me uma segurança completa. Por outro lado, o ato de humildade que tinha feito acabou por pôr em fuga o demônio, que talvez pensasse que eu não ousaria confessar a minha tentação. Logo que acabei de falar, as minhas dúvidas desapareceram. No entanto, para tornar mais completo o meu ato de humildade, quis

confiar a minha estranha tentação à nossa Madre, que se limitou a rir-se de mim"[79].

Pode-se fazer a seguinte pergunta: que teria, sucedido se, cedendo a essas falazes sugestões de Satanás — preocupado em afastar da sua vocação religiosa a "maior santa dos tempos modernos" Therèse Martin tivesse abandonado o Carmelo para voltar ao mundo? Que empobrecimento para a Igreja e mesmo para o mundo se o diabo tivesse conseguido impedir a poderosa influência da "mestra da infância espiritual"! E que clamorosa vitória para o adversário do Reino de Deus!

O Papa Pio XI levantou uma questão análoga a propósito de outra prova vitoriosamente superada. Evocando a tentação contra a castidade enfrentada por São Tomás de Aquino na sua prisão de Roccasecca, o Papa afirmou que "se a pureza do Santo se tivesse ensombrecido nessa circunstância, é provável que a Igreja nunca tivesse chegado a possuir o seu Doutor Angélico"*.

(*) Carta Enc. Studiorum ducem. Quando se fez dominicano — Ordem que na época ainda não gozava de muita tradição nem de "boa imprensa" —, Tomás foi perseguido e sequestrado por dois dos seus irmãos a pedido da sua mãe. Trancafiaram-no numa torre do castelo da família e usaram de todos os meios para persuadi-lo a abandonar a sua vocação. Como nenhum argumento dava resultado, os irmãos, com sutileza tipicamente soldadesca, introduziram na cela uma prostituta sumariamente vestida, para que o rapaz tomasse contacto com a "vida real", como gostam de dizer alguns. Tomás, impertérrito, levantou-se de um salto, empunhou um dos tições que ardiam na lareira e correu atrás da senhorita até expulsá-la dos aposentos. Á seguir, desenhou uma cruz na parede competição e prostrou-se diante dela, pedindo a Deus que lhe conservasse sempre a virgindade (N. do E.).

FAZER COMO TODO O MUNDO...

Como relata o cardeal Charles Journet, "o espírito maligno provou cruelmente" também São Nicolau de Flue (1417-1487). Foi no começo da sua vida de eremita no Ranft. Satanás assestava-lhe golpes com "tal violência que os que vinham visitá-lo o encontraram várias vezes meio morto".

AS VITÓRIAS DOS SANTOS E OS SEUS FRUTOS

O santo Eremita conta que o diabo, segundo lhe parecia, tinha vindo uma vez *"em forma de fidalgo, com vestes ricamente adornadas, montado num belo cavalo. Depois de um longo colóquio, tinha-o*

aconselhado a renunciar ao seu propósito e a comportar-se como os demais homens; de outro modo, não poderia merecer a vida eterna". Tratava-se, portanto, de impedir Nicolau de viver unicamente para Deus e de glorificá-lo por meio da sua vida de asceta e de contemplativo.

Um contemporâneo conta que *"o demônio invadia com frequência a cela (de São Nicolau), fazendo um ruído de tal ordem que parecia que toda a construção ia desabar. Às vezes, apresentava-se sob formas horríveis, agarrava Nicolau pelos cabelos e tirava-o da cela, apesar da sua resistência".* E o cardeal Journet comenta: *"Qualquer cristão sabe que o príncipe deste mundo, que veio tentar Jesus no deserto, não dará descanso aos seus discípulos, sobretudo aos melhores"*[80]. São Nicolau de Flue é hoje o padroeiro da Suíça.

"JAMAIS TERIA ACREDITADO NISSO"

Corria o ano de 1862. O trabalho de São João Bosco em Turim estava em plena expansão. Nos começos de fevereiro, os seus colaboradores observaram, no entanto, que a saúde do fundador declinava. Pálido, abatido, mais cansado do que de costume, Dom Bosco precisava evidentemente de descanso. Interrogado pelos seus irmãos, o Santo acabou por revelar a causa da sua doença:

- Precisaria dormir... Há quatro ou cinco noites que não fecho os olhos...

- Então, durma - disseram-lhe -. Não trabalhe até tão tarde da noite...

- Oh! Não é que eu queira ficar acordado, mas há alguém que me impede de dormir apesar de mim.

Ante a insistência dos seus irmãos, Dom Bosco revelou-lhes por fim um drama que se desenrolava no seu quarto todas as noites, fazia uma semana.

Havia vários dias que o espírito maligno atormentava o pobre Dom Bosco e o impedia de dormir... Mal adormecia, era despertado bruscamente por uma voz de trovão que o aturdia. Um vento tempestuoso invadia o quarto, sacudia-o e espalhava os seus papéis e livros. Precisamente nesses dias, Dom Bosco estava ocupado em corrigir as movas de um opúsculo de divulgação sobre o diabo: O poder das trevas.

E isso não era tudo. Algumas noites, mal tinha acabado de adormecer, o santo fundador era despertado pela aparição à porta do seu quarto de um monstro horrível que se aproximava da sua cama, disposto a lançar-se sobre ele. Acontecia até que, em pleno sono, uma mão invisível lhe arrancava os cobertores da cama. Às vezes, uma força misteriosa fazia tremer a própria cama.

Compadecido, o padre Ângelo Savio ofereceu-se para dormir no quarto vizinho ao de Dom Bosco, a fim de, em caso de alerta, poder levantar-se imediatamente e prestar-lhe assistência.

A meio da noite seguinte, o jovem salesiano acordou de repente, ao ouvir um estrondo tremendo. Aterrorizado, começou a fugir, "embora fosse um homem muito valente"...

Depois de algumas semanas, os ataques do mundo satânico contra Dom Bosco cessaram.

- Garanto-lhes - disse Dom Bosco aos seus amigos - que, se me tivessem contado tudo o que vi e ouvi, estou certo de que não teria acreditado.

Um dos jovens que o ouviam interrompeu-o:

- Eu não tenho medo do demônio!

- Cale-se! - respondeu o Santo com uma voz vibrante que surpreendeu os presentes -. Cale-se, não diga isso! Você não sabe o que o demônio poderia fazer se o Senhor lho permitisse![81]

Que teria acontecido se, em vez de ter resistido aos ataques de Satanás, São João Bosco tivesse desanimado e renunciado a continuar a sua obra? Que vazio não teria aparecido na história da Igreja e da sociedade sem a obra de Dom Bosco e da sua família religiosa!

OS ANJOS DE LUZ VENCEM OS ANJOS DAS TREVAS

Como acertam os mestres espirituais quando dizem que o diabo tenta de preferência os amigos de Deus que são mais piedosos e os homens e as mulheres destinados a uma missão especial na Igreja!

Certamente São Bento, Santa Teresa do Menino Jesus e São João Basco precisaram de graças especiais para repelir a mão de Satanás durante as tentações. Ora, Deus concede essas graças ordinariamente por meio do ministério dos Anjos da Guarda. Para que a luta entre o homem e Satanás não fique desequilibrada - observa São Tomás de Aquino -, Deus assegura-nos a ajuda da graça e a proteção dos anjos".[82]

Assim se compaginam dois textos densos da Sagrada Escritura que abrem perspetivas infinitas ao nosso espírito.

> Por um lado, a advertência de São Pedro: *Sede sóbrios e vigiai! O vosso adversário, o demônio, ronda como um leão que ruge buscando a quem devorar: resisti-lhe firmes na fé* (1 Pe 5, 8-9). Por outro, a confiante afirmação do salmista: *Não chegará perto de ti a calamidade nem a praga se aproximará da tua tenda. Pois Ele te confiará aos teus anjos para que te guardem em todos os teus caminhos, e eles te levantarão nas suas palmas para que teus*

pés não tropecem nas pedras; pisarás sobre áspides e víboras e afastarás o leão e o dragão (Salmo 91, 10-13).

As ciladas preparadas pelos anjos das trevas são numerosas, mas a ajuda que os anjos da luz nos oferecem é poderosa: mais poderosa.

O rei Aram da Síria estava em guerra com Israel. O profeta Eliseu, que ele queria capturar, encontrava-se em Dota. Aram enviou para lá cavalos, carros e uma tropa nutrida, que chegou pela calada da noite e sitiou a cidade. No dia seguinte, o servo do homem de Deus levantou-se muito cedo e saiu da tenda: viu que uns bons números de soldados rodeavam a cidade com cavalos e carros e disse a Eliseu: "Ah, meu senhor! Que vamos fazer?" Eliseu respondeu-lhe: "Não temas! Os que estão connosco são mais numerosos que os que estão com eles". E Eliseu rezou assim pelo seu servo: "Senhor, abre-lhe os olhos para que veja!" O Senhor abriu os olhos do servo, e este viu que a montanha estava cheia de cavalos e carros de fogo que rodeavam Eliseu (cfr. 2 Re 6, 12-17).

Senhor, Jesus, Vós que vencestes Satanás pela vossa Paixão e Ressurreição, dignai-vos dissipar o nosso medo pelo Malvado e pelas suas legiões, fazendo-nos compreender que os que estão connosco são mais numerosos que os que estão com eles. Senhor, dignai-vos conceder-nos que vejamos com os olhos da fé o que não podemos ver com os olhos da carne: os cavalos e carros de fogo, imagem do invisível exército de anjos de luz que nos rodeia e nos guarda.

NOTAS

(1) Cfr. Paulo VI, Audiência geral, 15.11.1972;

(2) cfr. C. Balducci, II diavolo esiste e lo si puà riconoscere, 1988-, pp. 276-278; G. Mongelli, Gli Angeli buoni, ministri di Dio per la salvezza degli uomini, Edizioni Michael, Manfredonia, 1988, págs. 171-173;

(3) Alois Mager, em Satan, Études carmetitaines, Desclée, Paris, 1948, págs. 640-643;

(4) Gabriel-Marie Garrone, Que faut-il croire?, Desclée, Paris, 1967, pág. 161;

(5) ibid. pág. 169;

(6) León Arthur Elchinger, Le retour de Ponce Pilate, Fayard, 1975, págs. 216-218;

(7) Henri-lrenée Marrou, Un ange déchu, un ange pourtant, em Satan, pág. 37;

(8) São Tomás de Aquino, Suma teológica, I, q. 64, a. 4;

(9) Charles Journet, Le Mal, essai théologique, Paris, 1962, pág. 282;

(10) São Tomás de Aquino, Suma teológica, I, q. 64, a. 4;

(11I) Cfr. Lucien-Marie de Saint Joseph, L'expérience de Dieu;

(12) Conc. Vaticano II, Const. apost. Gaudium et spes, n. 37;

(13) Catecismo Romano, cap. 41, terceira parte;

(14) Leáo XII, Carta Enc. Redemptoris Mater, n. 47;

(15) Leão XIII, Carta Enc. Humanum genus;

(16) Migne, Padres latinos, 76, 694, 722;

(17) Pio XI, Carta Enc. Ad salutem humani, 20.04.1930;

(18) Georges Auvray, Catholicisme, col. 598;

(19) François Vandenbrouche, Dictionnaire de spiritualité, vol. III, art. Démon, pág. 216;

(20) Stanilas Lionet, Catholicisme, col. 149;

(21) São Tomás de Aquino, Comentários ao Evangelho de São João, ad Jo 12, 31;

(22) São Tomás de Aquino, Suma teológica, III, q. 8, a. 7c;

(23) Panagiotis Trembelas, Dogmatique orthodoxe catholique, vol. I, Desclée, Paris, 1966, pág. 505;

(24) São Tomás de Aquino, Suma teológica, III, q. 8, a. 7c;

(25) São Tomás de Aquino, Suma teológica, I, q. 109, a. 2, ad 2, 1;

(26) Joao Paulo II, Creio em Deus Pai: Catequese sobre o Credo (I), Palabra, Madrid, 1996, págs. 270-271;

(27) cfr. Pio de Pietralcina, Carta de 13.02.1913 ao pe. Agostino;

(28) São Tomás de Aquino, Suma teológica, 1-11, q. 114, a. 8, c;

(29) São Tomás de Aquino, Co mentários às Epístolas de sao Paulo, ad Hebr 12, 6;

(30) São João B. Maria Vianney, Sermons du Curé d'Ars, Beauchesne, Paris, vol. I, pág. 314;

(31) Marie-Eugène l'Enfant Jésus, Je veux voir Dieu, Éd. Carmel, Venasque, 1956, pág. 115;

(32) Sermons du Curé d'Ars, vol. I, pág. 314;

(33) São Vicente de Paulo, Oeuvres complêtes, Coste, Paris, vol. XI, pág. 149;

(34) Charles Journet, Le Mal, essai théologique, pág. 282;

(35) São Vicente de Paulo, Conférence, 23.07.1565;

(36) São Joao Crisóstomo, Terceira homilia sobre os demônios;

(37) Maurício Flick, II Creatore, Florença, 1964, pág. 688;

(38) São Tomás de Aquino, Suma teológica, 11-Ilae, q. 25, a. II, ad 3;

(39) São Tomás de Aquino, Suma teológica, I, q. 114, a. 1, ad I;

(40) São João Crisóstomo, Segunda homilia Sobre os demônios;

(41) cfr. Nilo de São Brocardo, Demonio e vita spirituale, em Sanjuanistica, Roma, 1943, págs. 140-141;

(42) Marie-Eugàne de l'Enfant-Jésus, Je veux voir Dieu, pág. 784;

(43) J.L. Suenens, Renouveau et puissances des ténêbres, em Les cahiers du Renouveau, IV, Document de Matines 4, 1982, pág. 113;

(44) Santa Teresa de Jesus, Livro da vida, cap. 19, n. 4;

(45) São Vicente de Paulo, Entretiens aux Filles de la Charité, 1654, Oeuvres complêtes, vol. X, pág. 9;

(46) São Francisco de Sales, Carta de 3.04.1606 a Mme. Brulart, em Oeuvres complêtes, Annecy, 1904, vol. XIII, pág. 160;

(47) São Francisco de Sales, Tratado do amor de Deus, I, 8, 1;

(48) cfr. Egon Petersdorff, Daemonologie, vol. 2, Christiana Verlag, Stein am Rhein, Sufça, 1982, pág. 98;

(49) Nilo de São Brocardo, Sanjuanística, págs. 176-177;

(50) São João da Cruz, Cautelas; n. 2;

(51) São João da Cruz, Cântico espiritual, canção 3, n. 6;

(52) São João da Cruz, Noite escura, 1, 2, cap. 21, n. 2;

(53) J.L. Suenens, Renouveau et puissances des ténêbres, pág. 10;

(54) Joseph Guibert, I_zçons de theologie spirituelle, 1955, vol. I, l. 23, págs. 281-282;

(55) São João da Cruz, Subida do Monte Carmelo, l. 2, cap. 6; l. 3, cap. 4;

(56) ibid., l. 3, cap. 4;

(57) Lucien-Marie de Saint Joseph , em Satan, págs. 96-97;

(58) Emilio Bertone, Satana. Ma esiste davvero?, Roma, 1967, pág. 20;

(59) cit. por Emilio Bertone, ibíd., págs. 20-21;

(60) Bengel, L'Évangi1e de Jésus-Christ, pág. 512;

(61) cfr. São Tomás de Aquino, Comentários ao Evangelho de São Mateus, ad Mt 4, 10;

(62) cfr. São Tomás de Aquino, Suma teológica, I, q. 64, a. 4;

(63) São Vicente de Paulo, Oeuvres complêtes, vol. III, pág. 126;

(64) Conc. Vaticano II, Ad gentes, n. 3;

(65) cfr. São Tomás de Aquino, Suma teológica, 111, q. 49, a. 2, ad 3;

(66) São João da Cruz, Ditos de luz e de amor, n. 128;

(67) cfr. Santa Teresa de Jesus, Livro da vida, 25, 20;

(68) Nilo de São Brocardo, Sanjuanistica, págs. 135-136;

(69) cfr. Conc. Vaticano II, Const. apost. Lumen gentium, n. 41;

(70) São Tomás de Aquino, Suma teológica, II, q. 79, a. 6c;

(71) São Luís M, Grignion de Montfort, Tratado da verdadeira devoção à Virgem Maria, n. 52;

(72) Santa Teresa de Jesus, Livro da Vida, 31, 4;

(73) ibid. 31, 5;

(74) cfr. Marie-Eugene de I'Enfant Jésus, Je veux voir Dieu, pág. I I I;

(75) cfr. ibid., pág. 113;

(76) Cfr. Tomás de Celano, Vida de São Francisco de Assis, cap. 88, em Fonti francescane, págs. 654-655;

(77) cfr. São Tomás de Aquino, Comentários aos Salmos, ad SI 2, 6;

(78) São Gregó rio Magno, Diálogos, 2, 2;

(79) Santa Teresa do Menino Jesus, Manuscritos autobiográficos, man. A, fol. 75, v°; fol 76, 1⁰;

(80) Charles Journet, Nicolas de Flue, Paris-Neuchâtel, 1947, págs. 156-157;

(81) cfr. G. B. Lemoyne, Vita di San Giovanni Bosco, Turim, 1977, págs. 606-612;

(82) cfr. São Tomás de Aquino, Suma teológica, q. 114, a. 1, ad 2.